

MÚSICA. FOTOGRAFIA. TECNOLOGIA.
CINEMA. LITERATURA. DESPORTO.
SAÚDE. POLÍTICA. LGBT.
AGENDA CULTURAL.



god hates fags?



(*) asterisco

#002 MAIO 2010



Direção:
Ana Pires

Revisão & Edição:
Ana Pires
Joana Dias
Sara Oliveira

Edição Online:
Tiago Oliveira

Grafismo:
Ana Lourenço
Pedro Rodrigues

Imagem & Fotografia
Ana Lourenço
Isabel Martinez
Pedro Rodrigues

**Esta edição contou com a
colaboração de:**

Ana Lourenço; Ana Pires;
Ana Rocha; Aodh; Carla
Sofia Flores; Isabel Martinez;
Joana Dias; João Ribeiro;
Lúcia Sousa; Luísa Campos;
Luísa Reis; Márcia Pereira;
Pedro Rodrigues; Rui Bar-
bosa; Sandra Coutinho; Sara
Pereira; Sara Oliveira

Agradecimentos a:

Bruno Miguel Resende; Edu-
arda Ferreira; Joana Maltez;
José Luís Peixoto; Paula
Machado; Pedro Rodrigues;
the LOYD; Tiago Santos;

Esta publicação está escrita
ao abrigo do novo Acordo
Ortográfico

As opiniões, notas e co-
mentários são da exclusiva
responsabilidade dos au-
tores ou das entidades que
produziram os dados.

Reserva-se o direito de seleção
das informações, conteúdo grá-
fico, ou outros, não tendo esta
escolha que ser justificada.

Opiniões, sugestões e
propostas para asterisco@
mica-me.org



FÁTIMA, FUTEBOL E FOBIAS

EDITORIAL ANA PIRES



Estamos em maio, mês em que a romaria a Fátima atinge o seu auge e, como se não bastasse, o Papa esteve em Portugal e, como não podia deixar de ser, causou polémica, fosse pelo santo trânsito que se revelou infernal com a sua passagem, pela televisão que nos dias de visita insistiu em fazer-nos engolir Bento XVI o máximo de tempo possível ou ainda pelas declarações proferidas em Fátima sobre o aborto e o casamento.

Alguns dizem que a visita dele é inoportuna e estrategicamente planeada. No entanto, continuo a considerar que se fosse o João Paulo II ao invés do Bento XVI a controvérsia não seria tanta. Antes que comecem as interpretações, esclareço: não sou a favor da visita do Papa, antes pelo contrário. Preferia que o senhor estivesse no continente africano a retirar o que disse sobre os preservativos – sorte a minha que sonhar não é pecado! –, mas como tal não é possível, ao menos a visita deu azo à iniciativa Preservativos “ao” Papa (apoiada pelo MICA-me, e não só), que, convenhamos, foi uma ótima ideia.

Deixando a religião de lado, porque esta já tem tempo de antena que chegue, falemos de futebol. Sim, o Benfica foi campeão – pausa para protestos e/ou euforia, continuemos – e como se não bastasse a comunicação social já dar um relevo indescritível e imensurável ao futebol durante todo o ano, ainda mais neste por causa do

Mundial de Futebol, o dia 9 de maio ganhou um rubor especial. Não se falava de nada além do Benfica. Não é que eu não goste de futebol, e a verdade é que não aprecio, nem deixo de apreciar, mas telejornais quase integralmente voltados para um tema que agrada muitos e enlouquece outros tantos deixa-me a pensar que a ZON e a MEO são um sucesso por algum motivo.

Neste momento vocês perguntam-se: Vais falar de alguma coisa que não saibamos ou vais continuar a divagar? Ao que eu prontamente respondo: A minha divagação diz bastante. E porquê? Porque todos sabem que o Benfica foi campeão e é impossível encontrar santa alma que não esteja a par da vinda do Papa a Portugal, mas quantos de vocês sabem o que se comemora em âmbito internacional – seja formal ou informalmente –, no dia 17 de maio? Não, não estou a falar do Dia Mundial da Internet. Estou sim a falar do IDAHO (*International Day Against Homophobia*). O Dia Internacional de Luta Contra a Homofobia e Transfobia celebra-se dia 17 de maio e neste país onde, aparentemente, os órgãos de comunicação social de maior expressividade dão prioridade e tempo de antena, que por vezes parece interminável, a assuntos que todos nós já conhecemos e sabemos como funcionam, pergunto-me: Quantos saberão o que é o IDAHO?

SUMÁRIO

06 REVISTA DE
IMPrensa

32 (DES)ORDEM

08 PISA-PAPÉIS

34 OCULTO

16 SOUNDWAVE

36 GALERIA

22 35MM

58 AVANÇA!

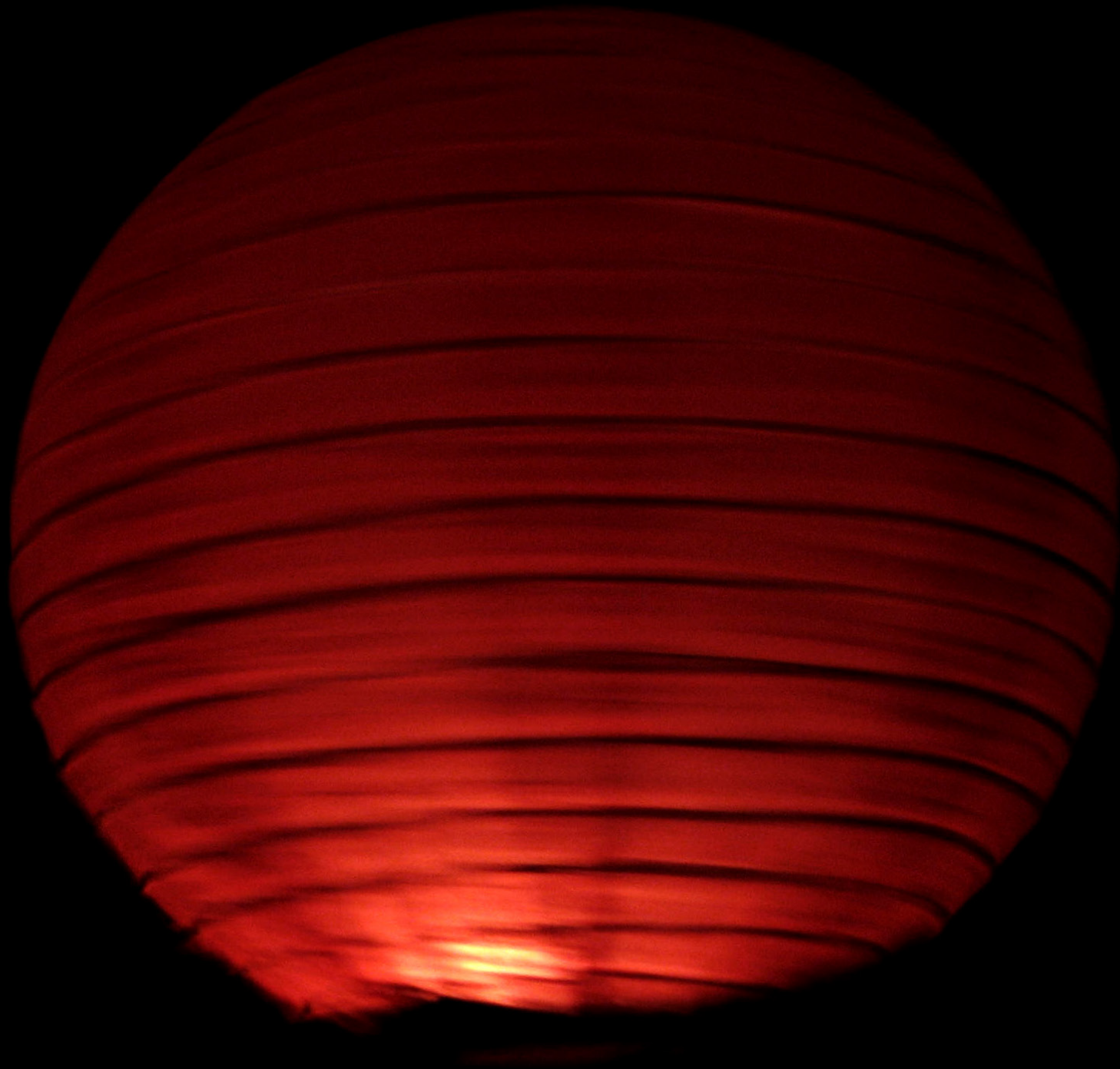
24 TECG33K

64 SUI GENERIS

28 REGENERAÇÃO

67 RODAPÉ

30 FLEX!



MAIO

CÃO "GAY" RECUSADO EM RESTAURANTE

REA TV

A rede ex aequo está a desenvolver o projecto de uma TV online, e precisa de colaboradores. A iniciativa está a ser dinamizada por um grupo externo à associação, e irá conter auto-promoção da mesma assim como conteúdos de temática LGBT.

Para quem estiver interessado em ajudar a desenvolver este projecto, nas mais variadas áreas, só tem que enviar uma carta de motivação e as suas referências pessoais, assim como indicação de trabalhos na área e/ou portefólio e CV para geral@rea.pt.

Quando Ian Jolly, a sua namorada e o seu cão guia se deslocaram a um restaurante tailandês na Austrália para almoçar, foram confrontados com uma situação inédita. Apesar de ter uma indicação na porta a indicar que cães-guia podiam entrar no estabelecimento, foi negada entrada ao casal pois os empregados acharam que o animal era "um cão perfeitamente normal que tinha sido dessexualizado para se tornar gay". Este foi o argumento apresentado em tribunal pelo restaurante. No entanto o argumento não foi aceite pelo Tribunal pelo que a empresa foi condenada a pagar uma indemnização de sensivelmente \$1500. Segundo Ian Jolly, não processou a empresa por causa do valor mas sim para garantir justiça de acesso a outros cegos a restaurantes e serviços com indicações de cães guia à entrada.



REVISTA DE IM

IDENTIDADE DE GÉNERO

Após a aprovação da lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo, a bancada parlamentar do Partido socialista ultima um diploma que irá permitir a mudança da identidade a quem mude de sexo.

Atualmente, esta decisão não está regulamentada, o juiz tem poder discricionário, ou seja, a decisão pode variar de acordo com o juiz, já que este possui livre-arbítrio na sentença.

O pretendido pela bancada socialista é que essa mudança, quando medicamente atestada, possa corresponder à oficialização dos documentos legais.



RELIGIÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Durante abril, o Vaticano voltou a considerar que os casos de pedofilia perpetrados por padres da Igreja Católica estavam diretamente relacionados com a homossexualidade, levando a que diversas vozes de protesto se voltassem a levantar contra a instituição. Segundo o cardeal Bertone, numa visita ao Chile, "Muitos psicólogos, muito psiquiatras demonstraram que não há qualquer relação entre o celibato e a pedofilia, enquanto que, segundo me foi dito recentemente, que há uma relação entre homossexualidade e pedofilia. Isto é verdade. Tenho os documentos dos psicólogos. Este é o problema."

Em clara oposição ao que é a postura da Igreja Católica, a Igreja Luterana aboliu qualquer tipo de políticas contra a homossexualidade. Segundo a líder desta comunidade, a ELCA (*Evangelical Lutheran Church in America*) vai passar a permitir que pessoas em relações homossexuais possam servir como pastores. Segundo esta nova posição, as pessoas homossexuais, bissexuais, transgéneras e *queer* não são consideradas abominações, mas sim membros tão válidos da comunidade como qualquer outro.

Aqueles que, antes das recentes alterações, foram afastados por serem honestos, foram também convidados a regressar e voltar a assumir os seus cargos dentro da Igreja.

Segundo a reverendo Cindi Love, esta mudança é uma "quebra na barragem de intolerância religiosa" que pode ter o poder de influenciar outras igrejas, mas só se estas pessoas participarem ativamente na comunidade.

CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO

No dia 8 de abril o Tribunal Constitucional pronunciou-se quanto à constitucionalidade do diploma aprovado pelo Parlamento no dia 13 de março, tendo sido publicado no Diário da República no dia 26 de abril, pelo que o Presidente da República, Cavaco Silva, tem 20 dias após a sua publicação para ou aprovar ou vetar o diploma. Até à data, segundo fontes oficiais, o chefe de estado ainda não tomou uma decisão oficial.

Na Finlândia, a maioria governamental espera implementar uma moção a apoiar um casamento sem menção a género e a adoção. De acordo com diversas sondagens, há pouca oposição política no que toca à adoção.

Também em abril, o Hawaii tornou-se mais um estado americano a conceder os mesmos direitos aos LGBT no que toca ao casamento, ao homologar uma lei que aprova a União Civil com direitos análogos ao casamento civil.

Ainda relativamente a este assunto, a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa foi levada ao ridículo pelo Prof. Dr. Paulo Otero, docente de Direito Constitucional II. As perguntas presentes no teste que causaram polémica foram:

A Assembleia da República aprovou, em complemento à lei sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, um diploma com o seguinte teor:

Artigo 1º- É admitido o casamento poligâmico entre seres humanos.

Artigo 2º- Desde que exista um projeto de vida em comum, podem contrair casamento um ser humano e um animal vertebrado doméstico.

a) Se procurasse defender a constitucionalidade do diploma, que argumentos utilizaria? (5 vals.)

b) E se lhe fosse pedido defender a sua inconstitucionalidade, quais os argumentos que usaria? (7 vals.)

Vários juristas manifestaram-se contra esta situação, lamentando a falta de senso comum por parte do professor.

PRENSA

TEXTO ANA ROCHA

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

UM ESCRITOR DO SÉCULO XXI

As redes sociais vieram para ficar.

Meio mundo tem um perfil virtual e o restante muito provavelmente terá um muito em breve. Apesar de os livros ainda não terem sucumbido ao mundo cibernético, o autor de “Cemitério de Pianos” não resistiu a fazer parte de toda esta taberna global.

Hoje em dia, palavras como facebook, hi5 e MySpace são frequentes no nosso quotidiano. Estas redes sociais mantêm qualquer cidadão em constante ligação com pessoas dos quatro cantos do mundo. Um telefone que nunca se desliga! Atualmente poucos são os que ainda resistem a registar-se nestas redes mas entre muitos outros podemos encontrar figuras públicas dignas da nossa admiração. José Luís Peixoto, conceituado escritor da língua portuguesa e que dispensa qualquer apresentação, já aderiu a estas novas formas de comunicação tendo atingido o número limite de “amigos online” que o facebook permite.

Na entrevista abaixo, José Luís Peixoto conta-nos tudo acerca da sua pegada no mundo virtual.

(*) asterisco A “necessidade” de aderires a redes sociais como facebook ou hi5 surgiu enquanto Zé Luís – cidadão comum, ou enquanto José Luís Peixoto – escritor conceituado? **José Luís Peixoto** Olá, surgiu enquanto cidadão comum. Passei muito tempo a receber convites no email sem que aderisse a nenhuma rede social. Houve um dia, no entanto, em que um amigo me convenceu das qualidades desse meio. Só mais tarde, ao aderir, percebi que também era uma ferramenta de comunicação com as pessoas que leem os meus livros. Hoje, utilizo as redes sociais profissional e pessoalmente.

(*) Sentes-te mais próximo dos teus leitores assim? Ou, por

outro lado, acreditas que a maior parte das pessoas que te seguem online tão-pouco te leram?

JLP Naturalmente que não interrogo as pessoas acerca daquilo que leram ou não do que escrevi, mas tenho a impressão de que a grande maioria desses amigos virtuais conhece o que faço. Faço essa avaliação através dos números de mensagens que recebo relativas a aspetos concretos daquilo que escrevi. Se para o leitor é gratificante de ter a oportunidade de discutir diretamente com o autor sobre algum texto, sinto que o contrário também é verdade.

(*) Utilizas essas redes sociais para sentires melhor a reação das pessoas à tua obra?

JLP Isso acaba por acontecer naturalmente. Não faço questão de que aquilo que escrevo passe por alguma espécie de “escrutínio popular”. Tenho também a consciência de que aquele grupo de pessoas que me procura e adiciona nas redes sociais é um grupo muito específico e que não é necessariamente representativo da reação mais geral.

(*) Achas que deste modo consegues “angariar” mais leitores?

JLP É possível que as pessoas se interessem por conhecer o que escrevo depois de me conhecer a mim. Creio, no entanto, que não é a situação mais comum. Além disso, não se angariam leitores. São eles próprios que decidem o que ler.



PISA-PAPÉIS ENTREVISTA

(*) Sentes que através destas redes os leitores te dão opiniões mais sinceras, genuínas e espontâneas em relação aos teus livros do que em conferências ou sessões de autógrafos?

JLP Acho que, pelo menos, numa rede social tem-se mais tempo e espaço para dizer aquilo que houver a dizer. Acaba por ser gratificante para os dois lados. O leitor tem a oportunidade de dizer o que, naquela hora, tem necessidade de dizer. E eu tenho a oportunidade de agradecer convenientemente que é algo que, ao vivo, nem sempre se consegue.

(*) Normalmente é fácil responderes a tantas solicitações?

JLP Esse é o principal problema. Por vezes, as redes sociais podem consumir bastante tempo. Quando se trabalha constantemente com um computador

ligado à Internet, acaba por ser uma tentação estar sempre a par daquilo que acontece na rede social. Há que procurar alguma razoabilidade e perceber que nem sempre se pode responder a todas as solicitações. É importante definir um conjunto de regras pessoais quanto a isso.

(*) Com essa proximidade que se vai criando através de um contacto mais direto entre o escritor e o leitor, muitos dos teus leitores tornam-se teus amigos pessoais?

JLP Sim, acontece muito. Ainda assim, essa aproximação não acontece exclusivamente através das redes sociais. Se assim é, acaba por ter o valor que esse tipo de amizades virtuais tem. Podem chegar a ser importantes, mas nunca se efetivam.

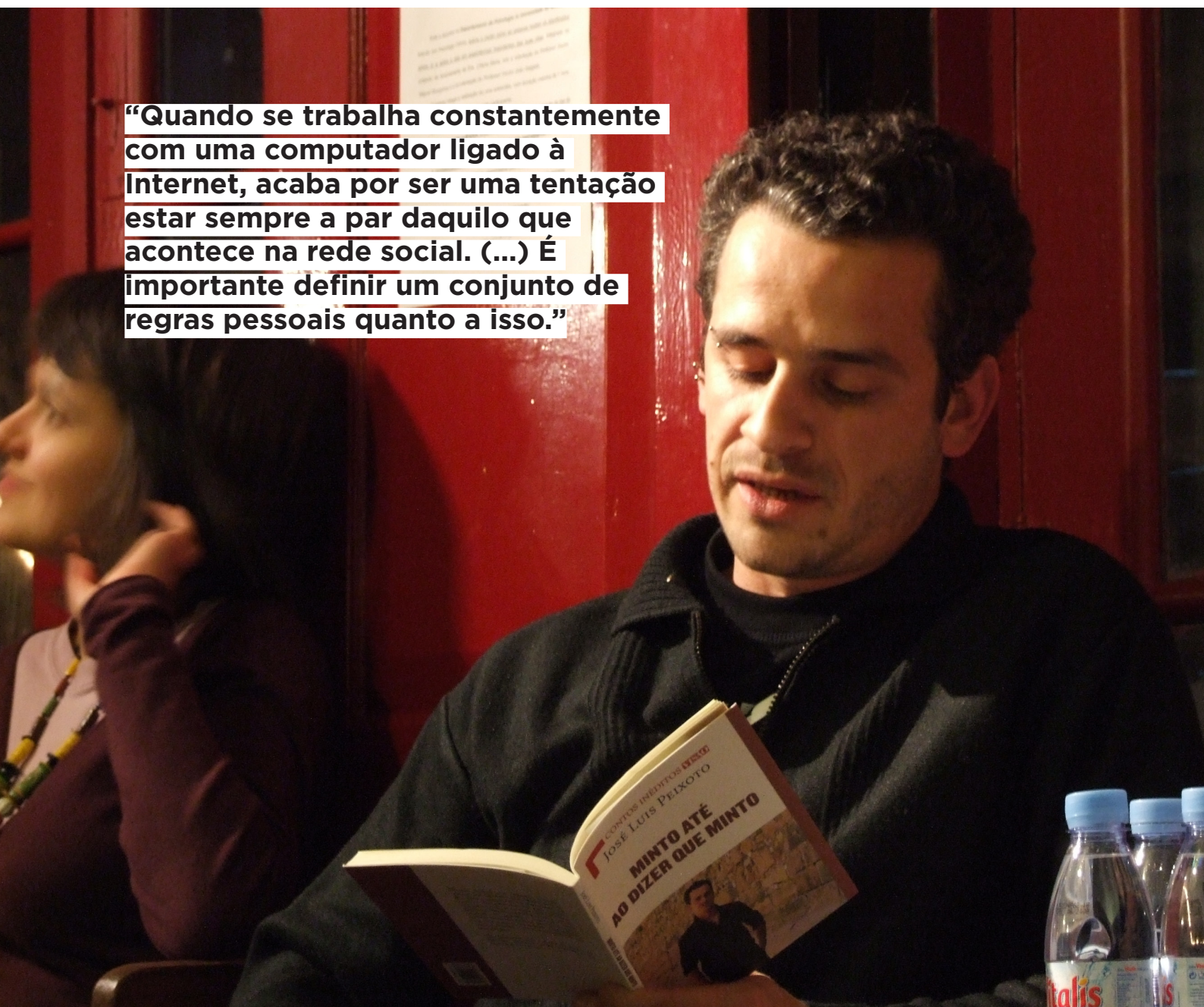
(*) Posso dizer então que deste modo se foi criando uma família José Luís Peixoto?

JLP Penso que se pode dizer isso apenas de forma hiperbólica.

(*) Por seres dos únicos escritores de renome a manter essa proximidade com os leitores, alguma vez sentiste o preconceito de teus colegas escritores ou de críticos?

JLP Não. Nesse aspeto, sinto que cada escritor mantém a proximidade que quer manter com os seus leitores. No entanto, sinto também que às vezes há falta de iniciativa e tradicionalismo na escolha de meios para estabelecer esse contacto. Quanto aos críticos, não me parece que esse alguma vez tenha sido um fator determinante.

“Quando se trabalha constantemente com uma computador ligado à Internet, acaba por ser uma tentação estar sempre a par daquilo que acontece na rede social. (...) É importante definir um conjunto de regras pessoais quanto a isso.”



(*) Achas que no panorama da literatura portuguesa os autores ainda privilegiam a distância leitor–escritor? Não sentes que há um preconceito que dita que só os escritores menores precisam desse contacto com o leitor ou têm essa necessidade de se dar a conhecer?

JLP De certa forma, é natural que se mitifique com mais facilidade aquilo que está distante e de que se conhece pouco. A figura do autor nunca foi muito exposta. Em vários casos, acabou mesmo por camuflar-se atrás de pseudónimos e edições anónimas. Pessoalmente, acredito na proximidade com o autor até porque, como leitor, acabo por contactar diretamente com muitos dos autores que leio. Não creio que essa proximidade seja imprescindível, mas estou certo que muda a própria leitura. Digo isto, tendo consciência de que a construção do autor, enquanto perso-

nagem, na cabeça do leitor é múltipla, fruto da sua interpretação subjetiva e, por falta de dados, imperfeita.

(*) Quanto ao teu blog, como surgiu a ideia de mostrares nessa página as viagens que fazes em “digressão” com os teus livros?

JLP Essa ideia surgiu porque essas viagens são muito solitárias. Tem-se contacto com muita gente mas, no fim do dia, acaba-se sozinho num quarto de hotel a ver canais de televisão estrangeiros. O blog acabou por ser uma forma simples de partilhar algumas dessas experiências com pessoas que, em muitos casos, conheço pessoalmente. Ao mesmo tempo, para mim, acabou por ser algo que me trouxe algum equilíbrio no que diz respeito à forma como se lida com esse quotidiano sempre em viagem.

(*) O leitor tem o papel principal na tua atividade? Sendo tu um escritor do século XXI utilizarás sempre, e se mais existirem, essas formas de te maneres próximo de quem te lê?

JLP O leitor tem uma importância fundamental no processo escrita/leitura. É ele que dá significado às palavras escritas. No fundo, o leitor é a tela de quem escreve. É no leitor que se projetam as imagens. Assim, vou sempre tentar manter-me próximo do leitor. Acredito que vou sempre querer conhecê-lo.

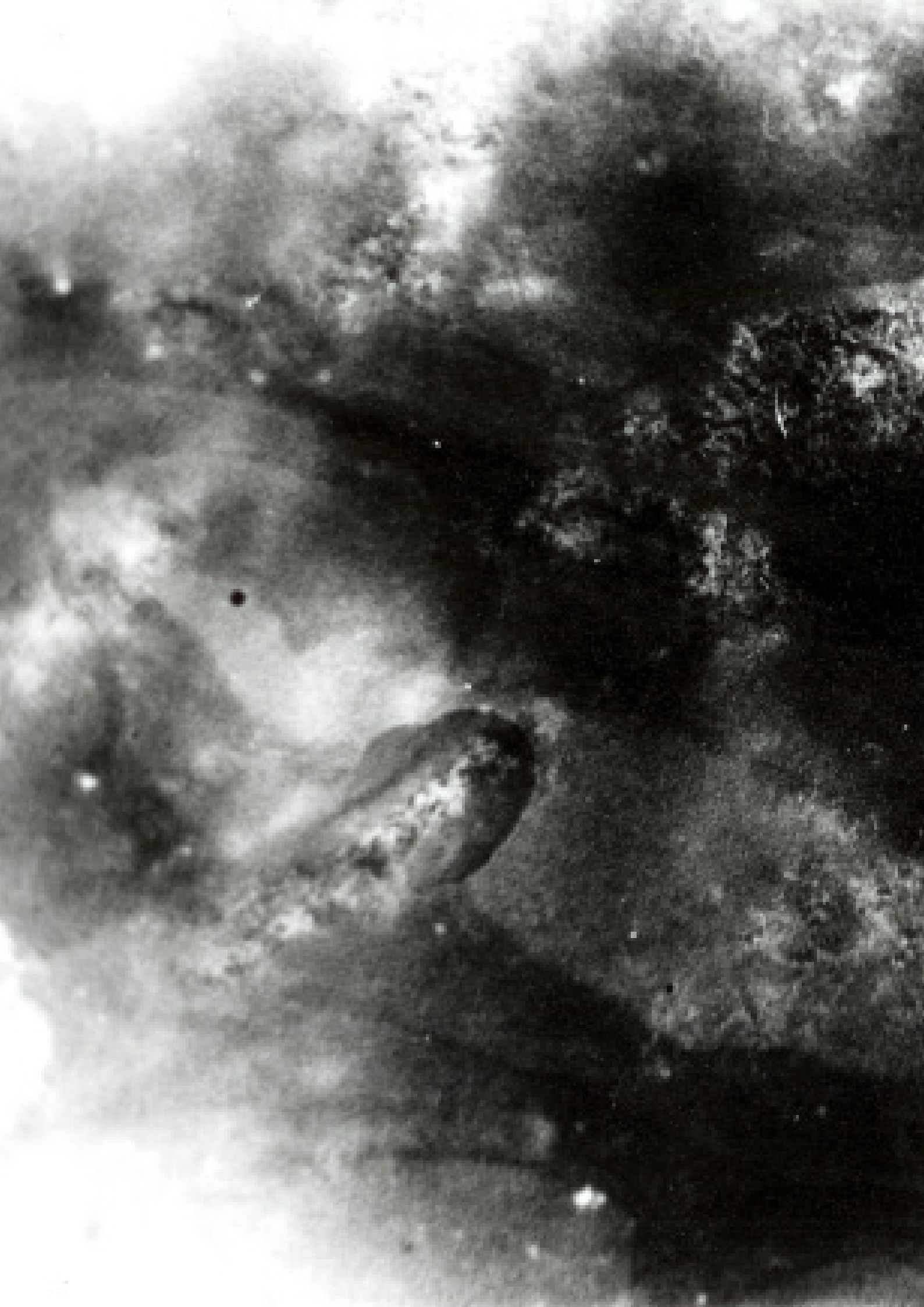
(*) Almada Negreiros dizia “Sou milionário, tenho a fortuna de viver no século XX”. És mais feliz por viveres no século XXI e a tecnologia te proporcionar estes meios de comunicação?

JLP Sim. Creio que são tecnologias positivas. Obviamente que podem também ser utilizadas de formas menos boas e, assim, trazerem aspetos negativos. Mas essa é a própria natureza das coisas. Pode utilizar-se qualquer ferramenta para fazer mal a alguém. Isso não faz com que o martelo, a chave de fendas ou o alicate percam a sua utilidade.

(*) És um escritor do século XXI ou um escritor intemporal que vive no século XXI e faz proveito disso?

JLP Eu sou eu. Estou aqui e tenho um corpo, uma idade. Tenho dúvidas que muita gente tem e utilizo as palavras para encontrar possibilidades de resposta. Entretanto, tento sobreviver exatamente como as outras pessoas. Creio que vivemos tempos admiráveis. Formas tão tradicionais como as relações humanas estão hoje a ser transformadas por novas formas de contacto como as redes sociais. É bom aproveitar isso. Se não o fizesse, ficaria sempre sem saber o que perdia.

“Eu sou eu. Estou aqui e tenho um corpo, uma idade. Tenho dúvidas que muita gente tem e utilizo as palavras para encontrar possibilidades de resposta.”





DAS
ANARQUITECTURAS
DO CRISTO-POLVO

TEXTO BRUNO MIGUEL RESENDE

Disse várias borbulhas. Eram fluidas no aquático submerso onde a consciência se ondulava. As refrações eram salinas dentro dos reticulares e emancipavam-se pela bolha. Oxigenava-me em guelras porque as apalpei azuladamente, e com as barbatanas que me impeliavam ao oceânico pousei o tridente e o fiz. Então nadei rumo aos focos de luz que dimanavam do céu imerso entre estrelas marítimas enquanto fazia o silêncio porque as oceânides ainda dormiam, logo após suspeita da boa vontade de minhocas que pendiam sem se sujeitarem à gravidade, eram estaticamente sorridentes, assim ficaram após ter torcido a sobrançelha sem sair gota. Metade de mim nadava com escamas. A outra dava aos braços no reboliço dessincronizado. Outra ainda se esfregava com espuma à espera da nascença de afrodite. E porque estava no fundo, indaguei sobre as inacessibilidades dos mistérios náuticos. Foi quando vi a atlân-

tida reluzir ao lado de um disco nadador não identificado, provavelmente afogado na quebra de casco. Decidi inverter a marcha.

Preferi o culto das placas de trânsito que surgiam magnânimas, contornadas a corais luminosos publicitários. Seguidamente cruzei-me com duas tartarugas em mariposa que acenaram a um balcão desfiado, devidamente decepado pela salga, não disse nada com a cabeça que não tinha, mas elas pediram-lhe chocolate da noruega regado a azeite do pólo norte. E seguiram caminho. Eu também me continuei.

Vislumbrei uma primeira placa, “mens-truário, compra, venda e troca de mênstruo”. Bati continência de barbatana em riste. Mas como não tinha nenhum comigo e os trocos estavam a seco segui em jornada dessanguinizada.

À frente a segunda, “seminário, compra, venda e troca de sémen, novo e usado”. Bati continência. Brotava interessante

mas não em suficiência. Ainda não tinha descendentes e desconfeitei das colheitas feitas em alto mar. Embora o fetiche das marmotas de rabo na boca me tenha feito entrar em duvivologia, pelas artes de ter dúvidas quando elas não existem. Quebrei o pensamento quando surgiu a terceira. Não piscava, e as letras eram magicamente minúsculas, “universidade de anarquitectura marítima”, extasiou-me. Rapidamente seguiu a seta com faíscas nos olhos e rotações das barbatanas em vibrações tsunamicas. Gorgolejei na ansiedade e quase me afogava. Passei por cardumes de latas de atum que se dirigiam a uma arca congeladora enalçada, quando surgiu, “Estás quase a chegar à anarquitectura”.

Segui por trilhos áridos onde peregrinavam sardinhas ajoelhadas apoiadas em palitos com azeitonas. Algumas encavalitavam-se aos costados e tornavam-se cavalas, transformavam a súplica em simplicidade. E li, “Estás mes-

“Segui por trilhos áridos onde peregrinavam sardinhas ajoelhadas apoiadas em palitos com azeitonas. Algumas encavalitavam-se aos costados e tornavam-se cavalas, transformavam a súplica em simplicidade. E li, “Estás mesmo quase a chegar à anarquitectura”.”

mo quase a chegar à anarquitectura”. Troquei olhares cúmplices com uma piranha desdentada. Espetava-me os lábios em luxúria enquanto revirava os olhos imbuídos numa maquilhagem borratada. Arranjei uma morada de uma ostra barata e combinei para o daqui a um bocado. Ela aquiesceu e deu-me uma palmada na nádega direita enquanto borbulhava, “Por lá ficarei a desejar-te em mim”.

Prossigui à coisa, embora de pensamento dualista, entre embocadura piranhosa e escolástica anarquista. Decidi a segunda antes da primeira, a agenda preenchia-se quando apareceu, “Estás mesmo, mas mesmo quase a chegar à anarquitectura”.

Cruzei-me com duas fanecas de farda azul. Bati continência mas efectuaram multagem. Faltava inspeção às escamas e a navegação em ansiedade era perigosa ao que borbulharam. Mas como lhes disse ter uma espinha de poseidon

atravessada na goela elas bateram em retirada depois de me beijarem as barbatanas com reverência iconoclasta. E brotou, “Estás quase, mas mesmo, mesmo quase a chegar à anarquitectura”.

Quando estava quase, mas mesmo quase a pensar em anarquitectar-me da anarquitectura, procedendo à óbvia decisão entre fluxos espermatizados ao seminário a troco de uns trocos ou a magia ejaculatória em embocaduras piranháceas, deu-se finalmente. E era entrada em gruta recôndita. A placagem externa elucidava, “Este sítio não é clandestino!”. E por ser assim entrei.

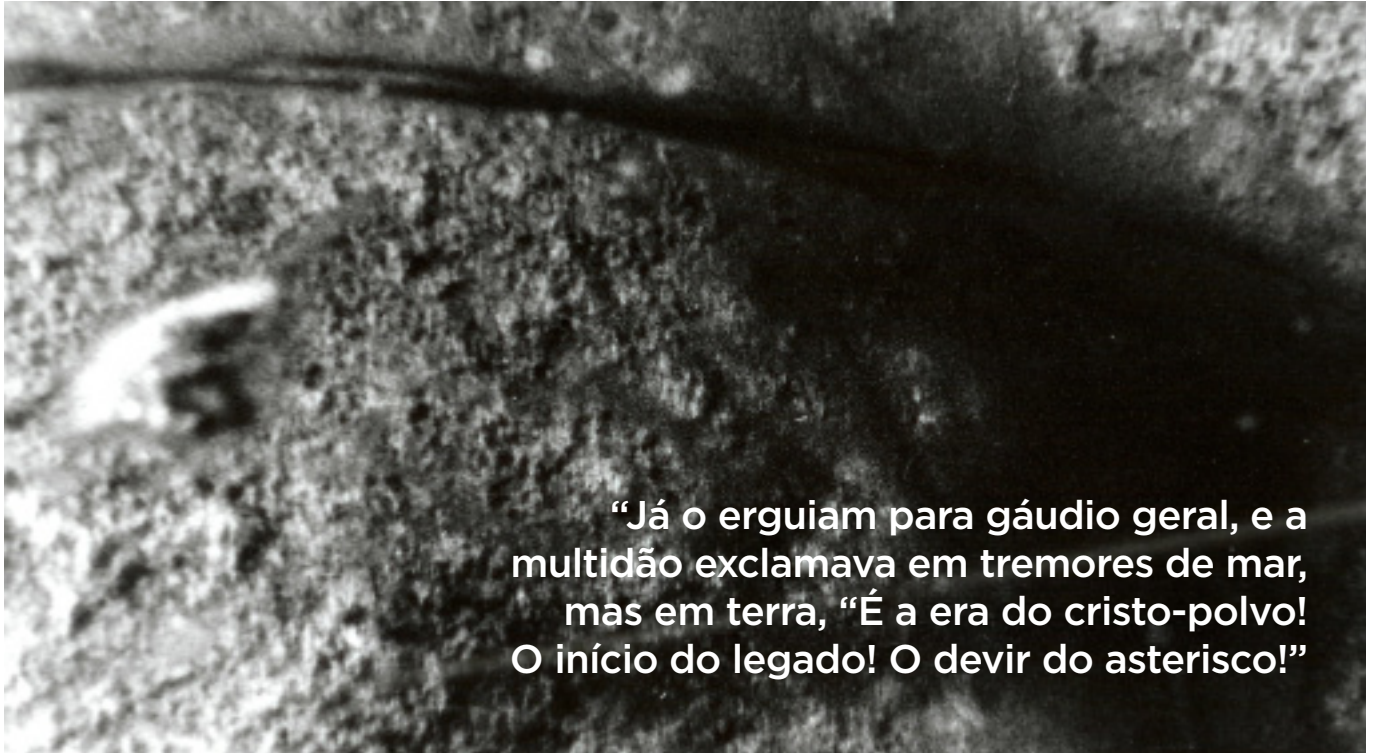
Algumas folhas impermeáveis nadavam em aleatoriedades. Agarrei numa delas, em mesmo factor de escolha. Procedi à vista de olhos diagonal, como mais ade quada em qualquer textualidade prezada, “Leccionam-se disciplinas de implosão de caravelas lusitanas”, “levantamento de tijolos institucionalizados e

pedrarias eclesiásticas”, “entupimento de fossas com fezes de baleia”, “amassamento de canos empresariais”, “plântio de algas-daninhas e urtigas”, “fundição de aço e restantes metalurgias”, “estoiramento de madeiras sem dano de dobradiça”, “curto-circuitagem de longo alcance”, “arrombamento de portas com toras judaicas”, “estilhaçamento de vidros e quinquilharias adjacentes”, “demolição e trinchamento de alicerces”, “arrancamento de sanitas com posterior hiperventilação”.

Era então delicioso o conhecimento que me esperava, embora tudo fosse seguido do aviso, “Apenas teoria!”.

Eram óbvias delícias do mar.

Lambi os lábios a sal com açúcar e penetrei na gruta com ferveduras da gula. Passou em correrias um polvo de bandeira negra em riste declamando estridências, “Acabou a teoria, começa o devir messiânico!”. E flechado desapareceu.



“Já o erguiam para gáudio geral, e a multidão exclamava em tremores de mar, mas em terra, “É a era do cristo-polvo! O início do legado! O devir do asterisco!”

Dirigi-me à lagosta que andava em volta de imitações de minérios. Tinha uma lanterna na cauda e lingerie preta enfiada nas antenas. Perguntei-lhe quem era o personagem, “O messias! É o messias! O grande polvo sebastião!”. Questionei-a à lingerie, mas era óbvio o oculto, ganhava a vida no arrancamento de mamilos em empresa de erogenias pormenorizadas. Orgulhosamente me tentou mostrar a metodologia das trinchas quando decidi seguir viagem. Já uma legião de seres marítimos seguia o sebastianino. Juntei-me à comitiva.

Decidi trocar bolhas com uma enguia eléctrica. Deglutia caixas de xanax em sofreguidões, e adverti-lhe de posologias. Que sem caixa era mais fácil. Que os excipientes cartolínicos e metálicos rebentavam a tripa. Estarreceu-se antes de ter um fanico fulminante. Subrepticamente deslizei a outra área.

Abordei um carapau que se injectava com sumo de tanjerina, “Mas porque é o polvo sebastião um messias?”, e após acabar a toxicologia cítrica gorgolejou, “Bem... Porque é um polvo... Porque sechama sebastião... E porque é messiânico.”, insisti ao mesmo, “Bem... Porque é o reitor da anarquitectura... E porque nasceu com seis tentáculos.”

O estranho menos pareceu quando o celeste aquoso apinhado de estrelas-marítimas começou a tocar-me nos ca-

belos. Pensei na verdade cosmogónica. O universo pode-nos cair na cabeça quando não temos telhas. Dei por ela e já estava numa praia.

Rodeava-me dos seres aquáticos, de polvo sebastianino em frontispício, “Para o meu martírio! Para o meu martírio anarquitectos!”, incendiava sem bolhas, mas com tentáculos gesticulados no frenético, era como se tivesse tinta à flor da mucosa. Mas a bandeira estava desbotada.

Adverti o carapau de que não tinha tido qualquer aula. Nem conhecimentos para o porvir. Acalmou-me porque não era problema, existiam assuntos menores a tratar. Senti-me em múltiplos estímulos libidinais por ajudar à causa. E porque tinha a piranha em lista de espera questioneei sobre o tempo, “Bem... Coisa rápida... Afinal, é messiânico.”. Senti-me em alívio, até porque teria outro agendamento aliviado. Dei por ela já estava numa floresta.

Começaram a chover bolotas quanto um exército de esquilinhos surgiu em altos ramos. Vestidos a verde camuflatório e capacete anti-espínhas. Bati continência, mas enquanto gritavam “Bolotem-nos até à morte” já tinha levado com várias. Vi as estrelas do céu que já não estavam nubladas, nem azuis.

Os anarquitectos tomaram posições defensivas. Condescenderam com negociações que chegaram ao negócio, e o

veredicto? Já eu fervilhava com a desdentição. Ora iam poupar todos excepto o responsável pela coisa. Lá se ia o sebastião.

Subimos um monte, quase calvo, de bolotas apontadas à cabeça. No cimo um enorme asterisco em madeira. Seis pregos enferrujados. E claro está, o martelo de thor. Seis esquilos colocaram o sebastião em molde para o suplício. E eram gritos de lamúrias anarquitectas quando o polvo foi crucificado sem dós, mas com marretadas. Marretada e grito. Marretada e grito. Até ao infinito do seis. Já o erguiam para gáudio geral, e a multidão exclamava em tremores de mar, mas em terra, “É a era do cristo-polvo! O início do legado! O devir do asterisco!”.

Deram-me colares com asteriscos. Túnicas com asteriscos. Livros com asteriscos nas capas. E por dentro todo o texto era feito de asteriscos. Fora os restos.

E sem nada mais a fazer no invento do apoteótico, do miraculoso, sem vontade da espera de três dias para renascimento do cristo-polvo, me fui. Novamente ao marítimo. Para a ostra barata. Para as tesuras que brotavam em divino. Porque a piranha desdentada me torcia o desejo.

Já em futurologia próxima soube chamar-se maria e ter problemáticas graves de rompimento de hímen, e tudo porque a vida, no fundo dos seus mistérios, era um divino cardume de asteriscos.

TEXTO ANA ROCHA

THE LOYD

Jou Maia, Christophe Pinto, Paulo Azevedo e Mike B compõem os the LOYD. Foi em 2007 que se fizeram ouvir pela primeira vez e, atualmente, mostram do que são capazes com dois videoclipes e o álbum "Love and Revolution", que sai este mês. Entrevistados pela (*) asterisco, revelam um pouco sobre o seu modus operandi. Para o futuro fica a promessa de muito rock.



(*) asterisco Quanto tempo estiveram nos "bastidores" a preparar os the LOYD?
the LOYD Já ensaiamos desde 2004, mas sentimos que existimos só desde 2007, ano marcado pelo lançamento do nosso primeiro trabalho (EP "Done") e no qual estava incluída a "Tear In The Pocket", que foi para nós uma grande rampa de lançamento, pois tivemos oportunidade de passar nas rádios e assim dar-mo-nos a conhecer. Já sofremos algumas alterações desde o nosso início, mas os the LOYD estão melhor do que nunca com os novos elementos, e entendemo-nos muito bem. Por isso, falar em preparação é um bocado relativo, mas estes the LOYD prepararam-se, nomeadamente para este álbum, durante um ano e meio.

(*) Havia à partida uma meta a atingir em termos criativos ou o resultado final foi uma surpresa também para vocês?

L Não foi uma surpresa. Sempre soubemos aquilo que queríamos e todos nós temos estilos muito equivalentes, por isso sabíamos exatamente o caminho a seguir. E o facto de não termos ninguém a impor um estilo a seguir também ajuda, caso contrário provavelmente estaríamos a ser "massacrados" para cantarmos em português, ou então, estávamos a tocar com um balde e uma corda a fazer de baixo que é o que agora é fixe, é diferente e é bom. Mas acreditamos neste projeto tal como ele foi idealizado desde o início.

(*) Como definem o estilo musical dos the LOYD?

L Somos uma banda de rock. Ponto. Tentamos fazer música para todos, sem barreiras de estilos e de idades. Pensamos que qualquer pessoa que nos ouça, independentemente do estilo, não fica indiferente. Somos curtos e grossos, apostamos numa grande melodia de voz, acompanhada por grandes riffs de guitarra, baixo e com uma bateria muito forte. Somos rock e o rock já foi inventado há muito tempo.

(*) Quais são as vossas referências musicais?

L É impossível fugir a algumas referências. Desde que nascas ouves música e seleccionas aquelas que gostas mais, aquelas que se irão tornar influências para ti, e no nosso caso gostamos muito de Sugar Cult,



Foo Fighters, Ramones, Green Day e de muito rock americano no geral.

(*) Em 2007 lançaram o EP "Done". O que aconteceu entretanto para que o vosso primeiro álbum tenha saído três anos depois?

L Sinceramente, a falta de condições financeiras. Não é fácil, sozinhos, conseguirmos fazer um trabalho a seguir ao outro, é quase impossível. Ou és rico ou então é muito complicado. Mas tudo tem o seu tempo e depois de criarmos as condições que faltavam, escolhemos este como o momento certo, apesar do mercado estar numa fase em que cantar em português é que é bom, e é só para alguns. Grande treta. A música é boa seja cantada em que língua for. Se a qualidade existe não

há por onde fugir e sabemos que estamos a remar um pouco contra a maré.

(*) Pisaram o palco ao lado de nomes como Xutos & Pontapés, Blasted Mechanism, entre outros. Participaram na Festa Europeia da Música em Lausanne (Suíça). Tudo isto ajudou-vos a perceber que seria possível alcançar o sucesso enquanto banda ou essa certeza surgiu antes?

L Pelo menos ajuda a elevar o ego em alguns momentos da banda, mas no fundo achamos que pode ser um sinal de que o nosso trabalho está a ser reconhecido, e isso é do melhor. Ainda hoje não temos certezas de nada, pois para nós ainda não aconteceu nada de extraordinário para pensarmos que já atingimos o sucesso, ainda não conquistamos nada. Agora é

óbvio que acreditamos que isso pode acontecer, caso contrário não teríamos feito este novo trabalho e não gastaríamos horas e horas a trabalhar nisto. Acima de tudo acreditamos no projeto, e se tiver de acontecer alguma coisa irá acontecer de certeza.

(*) Chegado Maio de 2010, o vosso disco sai finalmente para as lojas. O que vos deixa mais expectantes?

L Hoje em dia pensar que vamos ficar milionários com vendas do disco é uma grande burrice... (risos) Não se vendem discos atualmente, a não ser que sejas um fenómeno. Tudo se "compra" na Internet, ninguém vai às lojas comprar discos. Repara que até já se dão entrevistas para a net. (risos)



**“...todos têm de gostar daquilo
que se está a fazer e não fazemos
músicas de que um de nós não
goste. Temos de sentir a música.”**



(*) Há muitas novidades neste disco. Uma delas é o facto do tema que dá nome ao álbum ser um tema instrumental. Como surgiu esse instrumental e qual a importância que lhe atribuem para que tenha sido escolhido para título do disco?

L O nome "Love and Revolution" surgiu antes da música, por isso a música é que tem o nome do tema do álbum. (risos) É um instrumental feito por nós, para abrir o disco e também os espetáculos dos the LOYD. É um tema que nos agrada bastante e foi incluído na sequência da visão que tínhamos para o álbum, uma vez que não o pensamos como um conjunto de músicas soltas, mas antes como um trabalho para se ouvir do início ao fim.

(*) Outra curiosidade do "Love and Revolution" é a cover da música "Help!" dos Beatles. Os Beatles foram a grande banda pop, o que leva uma banda com um registo marcadamente rock como a vossa a pegar num tema deste género?

L Quanto aos Beatles não temos muito a dizer. Foram a maior banda do mundo, são e continuarão a ser uma grande influência para outras grandes bandas da actualidade. Decidimos apostar na "Help!" após experimentarmos dar-lhe o "nosso som". É uma música excelente na sua versão original e agradou-nos bastante o que conseguimos fazer com ela. Ficamos viciados. Alguém nos ajuda a tirar este vício? (risos)

(*) Como explicam que o tema "Tear In The Pocket" que, de resto, já tem videoclip disponível, apareça neste disco apenas com uma versão acústica?

L O tema "Tear In The Pocket" aparece em acústico no disco porque é um tema que já foi editado no nosso trabalho anterior. Porque acreditamos no seu potencial e, antes de mais, porque gostamos da música, não a deixamos esquecida e surge agora numa versão acústica que tem agradado bastante a quem já gostava da versão original.

(*) A música, assim como qualquer outra expressão de arte, é sempre um ato de comunicação por excelência. O que gostavam que a vossa música dissesse a quem a ouve?



L Gostávamos que quem a ouvisse se identificasse com ela, que se divertisse com ela, que se viciasse nela e que conseguissem sentir coisas que só com ela conseguem sentir.

“Sempre soubemos aquilo que queríamos e todos nós temos estilos muito equivalentes, por isso sabíamos exatamente o caminho a seguir.”

(*) Além dos membros da banda também Portugal da Costa escreve para as vossas músicas. Quais são as temáticas que mais vos impelem a escrever e qual o destinatário privilegiado?

L O grande destinatário é sempre quem ouve a música. As temáticas são as mais variadas mas invariavelmente passam por situações pelas quais passamos e nos marcam de uma forma ou de outra. Ainda que quem as escreva possa ter um destinatário específico, ou esteja a descrever uma situação concreta, de uma forma geral, neste trabalho cada música tem a latitude suficiente nas letras para poder ser interpretada de forma diferente e única por parte de quem a ouve.

(*) Como banda trabalham essencialmente em grupo. Em palco cada um tem o

seu papel estipulado mas na parte da composição das músicas como se organizam?

L Não gostamos de compor todos juntos. Normalmente chega um de nós com uma linha de guitarra que é depois trabalhada. O Jou na voz, e posteriormente mete-se o resto. Mas todos têm de gostar daquilo que se está a fazer e não fazemos músicas de que um de nós não goste. Temos de sentir a música.

(*) Quando somos crianças queremos ser todas as profissões que conhecemos, principalmente aquelas que tiverem os nomes mais estranhos. Mas agora, tendo chegado até aqui, imaginam-se a exercer outra profissão que não esta?

L Não pensamos em fazer mais nada a não ser compor, tocar ao vivo, e fazer tudo aquilo que a música envolve. Queremos mostrar ao maior número de pessoas o nosso trabalho e fazer as pessoas passarem um bom momento. Adoramos ver as pessoas nos nossos espetáculos a divertirem-se, é o momento em que as horas de trabalho e cansaço passam para segundo plano, e nessa altura a energia deles é toda para nós. É das maiores recompensas que temos do nosso trabalho.

(*) No futuro o que podemos esperar mais dos the LOYD?

L Podem esperar muito rock para o futuro, mais trabalhos, mais espetáculos e muitas outras surpresas. É esperar para ver. (risos)



ALCEST

METAL CALMO

NÃO É UM

PARADOXO

TEXTO SARA PEREIRA

O metal, até uns anos atrás, era considerado um daqueles géneros que se amava ou se odiava. Aos poucos, foi deixando de ser assim tão hermético e passou a alcançar públicos que, apesar de não gostarem do som mais pesado do metal, acabam por se tornar apreciadores de certas bandas. Uma dessas bandas chama-se Alcest.

Alcest nasceu em Bagnols-Sur-Cèze, França, em 1999, com três membros: Neige, Aegnor e Argoth. Nessa época, praticavam um *black metal* extremo e chegaram a lançar um álbum demo em 2001 – “*Tristesse Hivernale*”. Porém, logo depois, Aegnor e Argoth deixam a banda, e Neige prosseguiu com o projeto.

Em 2005 lança o EP “*Le Secret*”, ainda debaixo da sombra do *black metal*, mas com uma piscadela de olho já ao *shoegaze* com que nos brinda. Dois anos mais tarde, no brilhante primeiro álbum. *Souvenir d’Un Autre Monde*, por muitos considerado a obra-prima da banda, abraça um estilo calmo, luminoso e melódico. Neige afirma que, para criar este álbum conceptual, se baseou

em memórias de infância, nas quais supostamente esteve em contacto com um “lugar distante” a que geralmente se refere como “Terra das Fadas”. Neige vê esse local em sonhos ou através de meditação, e acredita que poderão ser memórias de uma vida passada ou do período que medeia a vida anterior e a atual. A primeira aproximação a estas lembranças aconteceu em “*Le Secret*”, mas o conceito em si é claramente exposto em *Souvenirs d’Un Autre Monde* (lembranças de um outro mundo). De referir, neste álbum extremamente esotérico, o tema homónimo e a quase étnica Tir Nan Og.

Entretanto, Neige voltou à carga com um álbum dividido com os também franceses Les Discrets, onde figura já um dos temas incluídos no novo longa-duração, lançado em março deste ano, *Écailles de Lune* (escamas de lua). Este último volta a focar a temática do anterior álbum de estúdio, mas não consegue refletir a mesma realidade de forma tão majestosa.



TEXTO JOANA DIAS

WERNER SCHROETER

Werner Schroeter, um nome incontornável do cinema alemão, deixou-nos aos 65 anos, vítima de doença prolongada. Com uma obra vastíssima, o cineasta foi uma figura importante no Novo Cinema Alemão.

Schroeter, nasceu a 7 de abril de 1945 em Georgenthal, Alemanha. Lançou-se no cinema pelos finais da década de 60 com a curta-metragem “Verona” que dava já alguns sinais da sua irreverência. Continuou ainda pela área das curtas e aventurou-se em 1969 nas longas-metragens com “Eika Katappa”, uma comédia dramática que foi bem recebida pela crítica, alcançando um prémio no Festival de Cinema de Mannheim-Heidelberg.

Durante o início dos anos 70, o realizador fez ainda alguns trabalhos para a televisão. No entanto, nesta década destacou-se pelo seu retorno às origens, em 1978 com “Neapolitanische Geschichten”, drama com o qual conseguiu vencer o prémio Prémio de Melhor Realizador dos German Film Awards. Em 79, Schroeter, pela primeira vez, dirigiu uma ópera, “Lohengrin”.

A década de 80 foi marcante para o realizador quanto à distinção de vários trabalhos que produziu. Em 1980, “Palermo oder Wolfsburg” valeu-lhe Urso de Ouro no Festival de Berlim e, logo no ano seguinte, “Tag der Idioten” tornou-se na primeira produção do cineasta a integrar o Festival de Cannes que consequentemente o nomeou para a tão desejada Palma de Ouro. Contudo, este trabalho de Schroeter não ficou por aqui

e conseguiu ainda arrecadar mais uma vez o Prémio de Melhor Realizador dos *German Film Awards*.

Werner Schroeter, foi assim não só reconhecido no seu país mas também a nível internacional, e prova disso, mais uma vez, foram as críticas que recebeu com “Der Rosenkönig” filmado em Portugal em 1986, sendo reconhecido como um dos melhores projetos em que esteve envolvido.

Em 1991, “Malina”, um dos grandes sucessos do realizador, selecionado para a Competição Oficial do Festival de Cannes, onde a crítica teceu vários elogios e arrecadou pela terceira vez o Prémio de Melhor Realizador dos *German Film Awards*.

Após o grande sucesso que foi “Malina”, o cineasta realizou mais três projetos que passaram despercebidos, voltando às luzes da ribalta em 2008 com “Nuit de Chien” baseado no romance de Juan Carlos Onetti “Para esta Noche”. Schroeter rodou todo o filme em Portugal, posteriormente tendo sido apresentado na primeira edição do *Estoril Film Festival* em novembro do mesmo ano.

Ainda em 2008, no Festival de Veneza, foi reconhecido todo o mérito de Werner Schroeter como uma das grandes figuras do cinema, que culminou com a atribuição de um Leão de Ouro Especial do Júri, onde teve a merecida mediatização e reconhecimento por todo o seu contributo à sétima arte.

Detentor de uma vasta obra, deixou-nos mais de 40 filmes, participou ainda como ator, produtor e argumentista,

“Ainda em 2008, no Festival de Veneza, foi reconhecido todo o mérito de Werner Schroeter como uma das grandes figuras do cinema, que culminou com a atribuição de um Leão de Ouro Especial do Júri (...)”

tendo gravado a maioria dos seus projetos em 16mm. Werner Schroeter, tornou-se um dos nomes da geração do Cinema Novo, ao lado de figuras como Rainer Werner Fassbinder, Wim Wenders e Werner Herzog. Inegável foi grande parte dos seus filmes terem sido marcados pelo seu gosto especial pela ópera, sendo visível todo o lirismo e toda exuberância operática, prova disso, a sua obsessão por Maria Callas.

Homossexual assumido, ele foi um dos cineastas irreverentes do Novo Cinema Alemão, abordava principalmente a história alemã e focava-se no estado psicológico e emotivo das personagens dos seus filmes, tendo ainda afirmado aquando a sua presença no *Estoril Film Festival* (2008) “É preciso incomodar o público”.

Paulo Branco que esteve envolvido em vários projetos do realizador alemão, em parceria com a sua distribuidora, Medeia Filmes, homenageou Werner Schroeter com a exibição de vários filmes do cineasta em Lisboa, no Cinema King.

Por outro lado, Schroeter também foi recordado no Porto, aquando o ciclo sobre o Novo Cinema Alemão com a exibição de várias obras no Cine-Teatro do Campo Alegre.

Por mais cliché que possa soar, a verdade é que é inevitável afirmar que depois do desaparecimento de um dos máximos descendentes do Novo Cinema Alemão a sétima arte ficou mais pobre.

“If I wasn’t a transvestite terrorist, would you marry me?”

Patrick “Kitten” Braden

O realizador Neil Jordan volta a adaptar um romance de Pat McCabe e depois de “The Butcher Boy”, Jordan e McCabe encontram-se novamente para rodar “Breakfast on Pluto”.

Dois pássaros conversam pousados em duas garrafas de leite... e assim começa a história de “Breakfast on Pluto” muito semelhante a um conto de fadas.

Patrick “Kitten” Braden (Cillian Murphy) é abandonado pela mãe e deixado à porta da casa do Padre (Liam Neeson) de uma pequena aldeia na Irlanda e é criado por uma mãe severa, Ms. Braden (Ruth McCabe), que nunca compreendeu o porquê de Patrick usar roupas de mulher.

Aquando do final da sua adolescência, Patrick, já sob o nome Kitten, parte para Londres em busca da sua mãe biológica da qual nada sabe. Durante a viagem para terras de sua majestade, Kitten cruza-se com uma banda, “The Mohawks” e apaixona-se perdidamente pelo vocalista, Billy Hatchet (Gavin Friday, um conhecido cantor de rock britânico).

Cillian Murphy, na pele de Kitten, carrega consigo toda a história do filme. Com os seus olhos azuis penetrantes, transmite-nos uma Kitten com uma ingenuidade apaixonante acompanhada de uma fragilidade etérea e um otimismo inquebráveis.



Apesar da atribulada e também trágica história da personagem, que é evidenciada com vários episódios de violência no decorrer do filme, o ator Cillian Murphy, consegue de uma forma soberba transmitir ao espectador todo o positivismo de Kitten face à pior das situações.

Ainda de referir que Liam Neeson, com uma expressividade sóbria acaba por se tornar uma peça fundamental e não menos importante em todo o enredo.

De “Breakfast on Pluto” fica-nos sobretudo a força de Kitten e a sua forma apaixonante de viver. Somos ainda presenteados com a prestação fabulosa de Cillian Murphy, que interpreta a personagem central de uma forma soberba e transmite toda a jovialidade de Kitten como uma espécie de chama interminável.



“New York is where everyone comes to get fucked. (...) New York is where everyone comes to be forgiven.”

Tobias, the Mayor

Ao ver os primeiros minutos de “Shortbus” é inevitável não nos passar pela cabeça que não passa de um filme de teor pornográfico como tantos outros, no entanto, para alívio de muitos e lamento de outros, não se trata de nenhuma produção do género.

É impossível ficar-se indiferente aos primeiros cinco minutos de “Shortbus”: uma cena de masturbação, outra de sexo e ainda uma cena de sadomasoquismo. Com esta premissa pode-se partir do princípio que “Shortbus” não é nada mais que um filme abjeto. No entanto, a forma honesta como tudo isto é abordado, deixa de ter sequer a possibilidade de ser “indecente”, para se tornar numa obra absolutamente terna e tocante.

“Shortbus” destaca-se pela sua frontalidade, largando todos os preconceitos, o realizador aborda a sexualidade de uma forma

honesto como se vê pouco no cinema de hoje (e no de ontem também).

Em Nova Iorque, na cidade que nunca dorme, Sofia (Sook-Yin Lee) é uma terapeuta de casais que nunca conseguiu ter um orgasmo. Numa das suas consultas conhece James (Paul Dawson) e Jamie (PJ DeBoy), um casal gay que está a passar por uma crise. Através deles, Sofia conhece *Shortbus*, um bar onde se cruzam música, política, sexo, e não só. Neste espaço, dito alternativo, Sofia conhece várias pessoas que primam pela sua distinção do que é “normal” em sociedade.

O clube underground acaba por ser o ponto de encontro dos disfuncionais, onde somos brindados com excentricidades, angústias, dúvidas e anseios que qualquer ser humano carrega toda a vida consigo.

Com personagens tão distintas entre si e conseqüentemente histórias tão diferentes, que apesar de se cruzarem, poderiam também funcionar sozinhas na perfeição, “Shortbus” mostra-nos o que têm em comum: a busca do diferente, de novas experiências e de algo que dê rumo às suas vidas.

O realizador, John Cameron Mitchell, consegue criar personagens indubitavelmente excêntricas, porém, tão verosímeis como outra qualquer, tornando-se assim impossível o espectador não se sentir envolvido, muito graças aos atores que apesar de ilustres desconhecidos, descartam todas as amarras de preconceitos e entregam-se totalmente aos seus papéis.

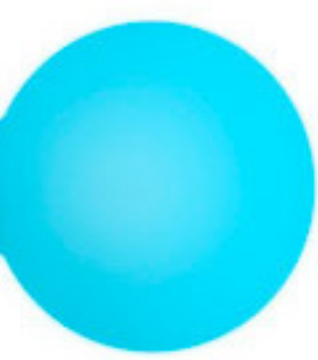
Somos ainda presenteados com algumas cenas musicais, graças à participação do cantor australiano Scott Matthew.

Ao ver a obra irreverente de Mitchell, ri-se, chora-se, reflete-se e ainda se suspira. “Shortbus” ganha pela naturalidade e espontaneidade como aborda o quotidiano, principalmente o sexo que é algo intrínseco a qualquer indivíduo. Vejam este filme despidos de pudores e deliciem-se.



A REVOLUÇÃO DO MOVIMENTO

TEXTO JOÃO RIBEIRO



A 19 de Novembro de 2006 a Nintendo iniciou uma revolução com o lançamento da Wii. O que a diferenciava e distanciava das concorrentes mais próximas era a capacidade de detetar o movimento do comando em três dimensões, prometendo novas formas de interatividade e novas oportunidades para experiências virtuais. A Wii é um sucesso comercial, a sua aposta no entretenimento familiar, na jogabilidade e na diversão alavancou o maior número de vendas da atual geração de consolas. Contudo não é isenta de algumas desvantagens, seja a falta de capacidades HD ou de suporte de títulos de empresas de 3rd party. É exatamente nestes dois pontos que a Playstation 3 e a Xbox 360 são líderes e é por isso que a Sony e Microsoft, respetivamente, procuram agora investir no segmento de mercado liderado pela Wii, explorando abordagens similares, mas subindo a fasquia para uma experiência de alta definição. Para esse efeito a Sony está a desenvolver o Move. À primeira instância este é um equipamento em tudo similar ao comando da Wii. A diferença entre ambos é que enquanto o comando da Wii deteta o movimento relativo do comando com base na posição anterior, o Move é capaz de ser detetado de uma forma precisa no espaço 3D, isto permite que as ações de um jogo requeiram um movimento completo e confere-lhe um outro patamar de imersão. Além disso o Move é também

capaz de transmitir informação acerca do ângulo, orientação e aceleração do movimento através de um giroscópio de três eixos, um acelerómetro de três eixos, um sensor do campo magnético terrestre e da já emblemática bola colorida. O Move virá acompanhado dos habituais botões e de um sub-controlador.

Já a Microsoft está a desenvolver uma tecnologia com o nome de código Natal. Este é o mais ousado dos projetos, pois quebra totalmente com o uso do controlador. A experiência que propõe permitirá ao jogador interagir com o jogo usando unicamente o seu corpo e voz através de uma câmara, um projetor de infra-vermelhos e um sensor. Neste caso o sensor e o projetor criam uma representação 3D da sala ao qual é adicionada também uma representação do "esqueleto" do jogador enquanto a câmara e microfone registam os movimentos e a voz de até quatro jogadores.

Nesta fase ainda há muito por desvendar quanto a estas tecnologias e às novas experiências que nos vão proporcionar. Este ano a Feira Internacional de Videojogos será certamente marcada por uma forte aposta na divulgação destes produtos, resta-nos aguardar que nos sejam apresentados jogos em fase avançada de produção que sirvam para nos mostrar a potencialidade destes equipamentos.

TEXTO CARLA SOFIA FLORES

17 DE MAIO

DIA MUNDIAL DA INTERNET

De ferramenta militar a candidata ao prêmio Nobel da Paz

Ao longo dos últimos anos a Internet tornou-se o meio de comunicação por excelência, pelo que abdicar deste canal seria uma missão quase impossível para a maioria das pessoas. Devido à importância que foi adquirindo, a Organização das Nações Unidas (ONU) decretou que 17 de maio seria a data destinada à comemoração do Dia Mundial da Internet, assim como da Sociedade da Informação e das Telecomunicações.

Esta ferramenta foi criada à margem da Guerra Fria, quando a *Advanced Research and Projects Agency* (ARPA) decidiu conceber um canal de comunicação – *Apanet* – descentralizado e capaz de sobreviver a um ataque nuclear, mas, já há muitas décadas, que a Internet deixou de ser uma ferramenta militar, passando a fazer parte do quotidiano de milhões de pessoas que não prescindem deste canal para saber das notícias em tempo real, para comunicar ou para realizar as mil e uma tarefas que este meio nos proporciona.

Com o passar dos anos e com o seu amadurecimento, a Internet deixou de ser uma simples rede de computadores, tornando-se num infinito meio de conexão de pessoas, sendo que, de uma ponta à outra do mundo, homens e mulheres podem conectar-se através da maior plataforma de relações humanas que a humanidade alguma vez conheceu.



1



2



3



4

1 Riccardo Luna
Editor Chefe da Wired Italy

2 Giorgio Armani
Designer de Moda

3 Yoani Sanchez
Blogger

4 Shirin Ebadi
Prêmio Nobel da Paz 2003

5 David Rowan
Editor da Wired UK

6 Nicholas Negroponte
Fundador da MIT Media Lab e OLPC

7 Joi Ito
CEO da Creative Commons

8 Luis Federico Franco Gómez
Vice-Presidente do Paraguai

9 Chris Anderson
Editor Chefe da Wired US

10 Umberto Veronesi
Cientista

11 Geraldine Namirembe Bitamazire
Ministro da Educação e Desporto da Uganda

12 Zeferino Martins
Ministro da Educação de Moçambique

Será que o Nobel da Paz 2010 vai para... a Internet?

Exatamente! É mesmo isso! A Internet foi recomendada ao comité do prémio Nobel pela revista italiana "Wired", podendo vir a figurar entre nomes de peso como Barack Obama, as Nações Unidas, Kofi Annan e Madre Teresa, caso efetivamente receba a condecoração.

O Instituto Nobel já confirmou que houve 237 indicados, para o Prémio Nobel da Paz de 2010, 38 dos quais são organizações e, embora ainda não se conheça a lista de nomes, a candidatura da Internet já foi revelada.

A mandatária da Internet será, a priori, Shirin Ebadi, uma das embaixadoras da campanha, que também foi condecorada com o Nobel da Paz em 2003. A sua participação é funda-

mental na medida em que, de acordo com as regras deste prémio, apenas pessoas qualificadas podem enviar sugestões de nomes, sendo que, pelo facto de ter ganho o prémio, a sua sugestão torna-se viável.

Este prémio, de acordo com a vontade de Alfred Nobel, deve distinguir quem "tivesse feito a maior ou melhor ação pela fraternidade entre as nações, pela abolição e redução dos esforços de guerra e pela manutenção e promoção de tratados de paz". Embora possa parecer estranho, uma vez que a Internet não é uma pessoa, nem uma entidade, a revista italiana "Wired", através do seu editor-chefe, Riccardo Luna, decidiu promover o movimento "Internet For Peace", uma

iniciativa que encara a Internet como uma ferramenta que facilita o diálogo, o debate e o consenso através da comunicação, sendo muito mais do que uma rede de computadores.

De acordo com o manifesto deste movimento "a cultura digital criou os fundamentos para uma nova civilização que está a construir a dialética, o confronto e a solidariedade através da comunicação". Acrescenta ainda que "desde sempre, a democracia germina onde há hospitalidade, escuta, troca e partilha, sendo que o encontro com o 'outro' é o antídoto mais eficaz contra o ódio e o conflito". É por isso que o movimento "Internet For Peace" acredita que este novo meio de comunicação é "um instrumento de paz" e que "cada um de nós, dentro da rede, pode ser uma semente de não-violência". Desde modo, "a Rede merece o próximo Prémio Nobel da Paz", um galardão que será "dado a cada um de nós".

Entre os apoiantes deste manifesto constam personalidades como o estilista Giorgio Armani, a ativista Shirin Ebadi, que recebeu o Nobel da Paz em 2003, o cientista Umberto Veronesi e várias personalidades políticas.



5



6



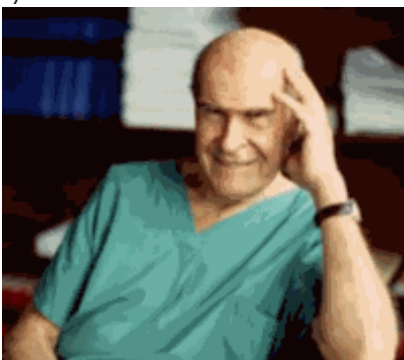
7



8



9



10



11



12

TEXTO CARLA SOFIA FLORES

AS “DESCULPAS” PERFEITAS PARA COMER CHOCOLATE

Alegrem-se os amantes do chocolate, pois esta guloseima consumida com moderação pode ser uma aliada da saúde, assim como uma fonte de prazer e bem-estar, por potenciar a produção de serotonina, substância responsável por essas sensações.

Resistir a um chocolate quente, a uma deliciosa fatia de bolo de chocolate ou a uma caixa de bombons é uma árdua tarefa para a maioria das pessoas. Poucos são aqueles que não são afeiçoados por esta tentação que está por todo o lado, mas que, infelizmente, quando consumida em excesso, é uma grande inimiga das dietas e da sanidade do organismo.

No entanto, alegrem-se os amantes do chocolate, pois, se esta guloseima for consumida com moderação, pode ser uma aliada da saúde devido às suas vitaminas e sais minerais, assim como ao seu alto teor em flavonoides (antioxidantes que ajudam a reduzir os riscos de doenças cardiovasculares). Além disso, o chocolate é um prenunciador de prazer e bem-estar, por potenciar a produção de serotonina, substância responsável por essas sensações de satisfação.

As vastas mais-valias deste alimento têm sido comprovadas por inúmeros estudos, sendo que o chocolate negro é aquele que apresenta mais benefícios para o organismo, por conter mais cacau – rico em flavonoides – e por ser o menos calórico. Várias investigações

já demonstraram que os antioxidantes que este tipo de chocolate contém retardam o envelhecimento e ainda ajudam a diminuir os níveis do mau colesterol no sangue.

Apesar de conter uma grande panóplia de vitaminas e sais minerais, como o ferro e o fósforo, o chocolate, por ser altamente calórico, deve ser sempre consumido com muita moderação, sendo que os de leite e o branco são os menos recomendados, embora, por norma, sejam os favoritos dos consumidores. Deste modo, nunca se deve ultrapassar o limite diário de 50 gramas, uma vez que esta deliciosa guloseima tem altos teores de açúcar e gordura, que, quando em excesso, são prejudiciais à saúde.

Amigo do coração

Os vastos benefícios do chocolate a nível cardiovascular são talvez os que são conhecidos há mais tempo. Os cientistas sabem há cerca de 25 anos que o chocolate preto, rico em flavonoides, faz baixar a tensão arterial e tem outros efeitos benéficos na circulação sanguínea. Já várias investigações comprovaram as mais-valias do chocolate neste campo, uma das quais foi realizada em 2006, quando investigadores norte-americanos vieram a descobrir que o chocolate preto, consumido moderadamente, tem o mesmo efeito positivo que a aspirina na redução da coagulação sanguínea e dos riscos de bloqueio das artérias, responsável por numerosas crises



cardíacas. Mais uma vez, este efeito deve-se aos flavonoides, que têm um efeito bioquímico semelhante ao da aspirina ao reduzir a aglutinação das plaquetas sanguíneas.

É ainda importante referir que os flavonoides têm ação anti-inflamatória, inibem a coagulação, aumentam o colesterol bom e diminuem o colesterol mau. No entanto, este efeito verifica-se quando o chocolate está no seu estado mais puro possível, com o mínimo de manteiga e açúcar adicionados à sua composição. O consumo de pequenas quantidades de chocolate pode também ajudar a prevenir ataques cardíacos, mas apenas quando substitui outros alimentos calóricos.

Um estudo alemão demonstrou que uma pequena barra de chocolate consumida diariamente reduz em 39 por cento as hipóteses de se sofrer de enfarte ou derrame cerebral, para além de manter a pressão arterial reduzida.

Aliado do cérebro

Embora os benefícios do chocolate mais conhecidos sejam os que estão relacionados com o sistema cardiovascular, este alimento também apresenta mais-valias para o cérebro. Estudos britânicos revelaram que pessoas que consomem bebidas ricas em cacau tinham um maior fluxo sanguíneo na massa cinzenta, o que indica que os flavonoides poderão no futuro ser utilizados em fármacos para favorecer a circulação sanguínea cerebral.

Outra investigação francesa demonstrou que pessoas idosas, com uma média de 77 anos, que seguiam uma dieta com alimentos ricos em flavonoides, tiveram um menor declínio das suas funções cognitivas. Por outro lado, de acordo com a publicação científica de renome *The Journal of Neuroscience*, também já foi comprovado que o consumo de epicatequina – outra substância presente no cacau –, aliado à prática de exercício físico, estimula a memória.



De anti-stress a afrodisíaco

Para além de todo o prazer que proporciona o chocolate pode ainda ser uma ótima forma de aliviar o stress e, de certo modo, funcionar como “calmante”. Um estudo clínico publicado no *ACS' Journal of Proteome Research* demonstrou que comer cerca de 30 gramas de chocolate preto por dia ao longo de duas semanas reduz substancialmente os níveis das hormonas que provocam o stress em pessoas que se consideram altamente stressadas.

Este estudo sugere ainda que o chocolate é uma boa forma de auxiliar problemas emocionais. Estes efeitos verificam-se na medida em que este alimento contém substâncias que estimulam a produção de serotonina e dopamina, neuro-transmissores que combatem a depressão e a ansiedade uma vez que são indutores do bem-estar e do prazer.

É por esta razão também que muitas vezes o chocolate é rotulado como um afrodisíaco, uma vez que favorece a

libertação de endorfinas e encefalinas que, por sua vez, transmitem a sensação de prazer e satisfação. São estas sensações positivas que muitas vezes tornam o chocolate numa “dependência”. Este alimento é efetivamente viciante, uma vez que contém substâncias que são causadoras de dependência como a teobromina, a cafeína e a feniletiamina.

Deste modo, os “choco-dependentes” precisam de consumi-lo para se sentirem bem, pelo que se ficarem muito tempo privados de chocolate, começam a apresentar sintomas de depressão, problema que afeta normalmente as pessoas mais ansiosas e angustiadas.

TEXTO MÁRCIA PEREIRA

NOS PICOS DO MUNDO

Para o João Garcia, o alpinismo não é “apenas de um desporto, é um estilo de vida



João Garcia, o alpinista português de 43 anos, viu este mês o seu nome entrar para a lista dos 10 alpinistas do mundo que escalaram as 14 montanhas com mais de 8 mil metros sem auxílio de oxigénio artificial, concluindo assim o projeto “À conquista dos Picos do Mundo”.

João Garcia iniciou uma carreira de sucesso aos 16 anos e em 1983 começou por escalar a montanha Cho Oyo com 8.201 metros de altitude e, desde então, não desistiu do sonho de escalar as 14 montanhas.

Em agosto do ano passado, em entrevista para o Ciência Hoje, João Garcia afirmou “Tento chegar aos picos das montanhas sempre da mesma forma honesta, sem o recurso a oxigénio artificial. Caso o fizesse não estaria a testar os meus limites.” explicando assim o porquê de não recorrer a carregadores de altitude, nem a oxigénio artificial nas suas expedições. Segundo o especialista José Magalhães, a 8 mil metros de altitude o oxigénio é escasso, correspondendo a um quarto daquele que há ao nível do mar.

Foi em Annapurna que João Garcia viu o seu sonho concretizado, é o primeiro português a alcançar tal feito e o décimo em todo o mundo a conquistar os 14 picos. O alpinista português acaba de entrar para a história do alpinismo.

João Garcia, na mesma entrevista, afirma que após concluir o projeto “À conquista dos picos do mundo”, não vai parar. “Quero experimentar novos itinerários e completar a minha satisfação pessoal. Talvez subir montanhas virgens, nunca antes pisadas pelo Homem.”

Os antecedentes do alpinista português, que também conquistaram os 14 picos mais altos do mundo sem oxigénio artificial, foram Reinhold Messner (ITA), Erhard Loretan (SUI), Juan Oiarzabal (ESP), Iñurategui (ESP), Edmund Viesturs (EUA), Sílvio Mondinelli (ESP), Iván Vallejo (EQU), Denis Urubko (CAZ) e Veikka Gustafsson (FIN).





Apanhar uma onda na cidade agora tornou-se mais fácil com esta nova modalidade que mistura desportos de forma inovadora

Se andar de skate é complicado, se equilibrarmos-nos em cima de uma prancha de snowboard mais ainda e se de surfar nem se fala, juntar o melhor dos três num único desporto parece-nos algo absolutamente fantástico. Pois bem, desenganem-se todos aqueles que pensam não ser possível tamanha façanha.

É conhecido por *street surfing* e proporciona aos praticantes uma sensação parecida com a de surfar, mas em terra. Fazer manobras nas ruas em degraus, bermas, bancos, e até mesmo voar é agora permitido. Nascida em 2005 na Califórnia, esta modalidade praticada em quase todo o mundo chegou ao nosso país nos finais de 2008, mas só em 2009 foi apaixonando e cativando mais praticantes, muito por culpa também do programa "surf at school", uma iniciativa que pretendeu levar o street surfing às escolas portuguesas para o popularizar entre os jovens.

Uma mistura de "vou cair porque não me consigo equilibrar" com "altamente!",

é assim que podemos descrever os primeiros segundos em cima da *wave* (nome da prancha), sempre com a proteção do capacete e dos acessórios que nos transmitem a ilusão de que "com isto não me vou magoar". Com um design atípico, o que torna a *wave* ainda mais peculiar são as suas duas rodas que giram 360°, e que dificultam sobremaneira a tentativa de autonomia por parte do iniciante quando ousa separar-se daquilo que o equilibra (entenda-se por apoio uma parede, um corrimão, outra pessoa, etc.).

Particularidade que obriga a estar sempre com os pés bem assentes na *wave*.

Um desporto radical que inova até na forma como movimentamos a *wave* para lhe conferir maior velocidade. Para o efeito deve-se utilizar a força das pernas, movimentando-as em "S".

É um desporto praticado por jovens, mas que promete conquistar praticantes de todas as faixas etárias. Apesar de ser difícil zarpá-lo, vale a pena apanhar esta onda.



TEXTO ANA PIRES

PRESERVATIVOS “AO” PAPA

Esta ação de sensibilização, como se pode ler nas páginas online da mesma, foi uma iniciativa criada no âmbito da luta contra a SIDA que nunca pretendeu o ataque direto ao líder da Igreja Católica.

Nos passados dias 11 e 14 de maio, em Lisboa e no Porto, respetivamente, foi levada a cabo uma iniciativa que pretendeu sensibilizar a população para o flagelo da SIDA. A organização desta ação iniciou-se no dia 20 de Março e partiu de três jovens universitários do Porto, que rapidamente angariaram o apoio de várias associações e coletivos, tais como: Abraço, SOS Racismo, MICA-me, Não te prives, UMAR, PortugalGay, Médicos pela escolha, CASA, Panteras Rosa, entre outros.

Tendo como objetivo primordial a luta contra a SIDA, aquilo que começou por ser um mais um de tantos Grupos de surgem todos os dias no facebook, tomou proporções astronómicas – atingindo, em menos de uma semana, a marca dos cinco mil membros. Desde então, a ideia espalhou-se e os órgãos de comunicação social nacionais, e alguns internacionais, fizeram notícia. Focada primeiramente por fazer referência direta à visita do Papa Bento XVI a Portugal, a organização da ação de sensibilização teve que, por diversas vezes, esclarecer que o seu objetivo não era atacar a Igreja – embora repudie as declarações do pontífice referentes ao uso do preservativo –, e sim utilizar a mobilização que uma visita desse cariz acarreta como uma mais-valia no alerta para a problemática da SIDA.

Inicialmente, estava previsto que a distribuição de preservativos aconteceria nos dias 11, 13 e 14 de maio, em Lisboa, Fátima e Porto, locais onde Bento XVI estaria presente. No entanto, por falta de resposta das forças de segurança no que dizia res-

peito a assegurar a proteção dos voluntários durante a ação, a organização optou por retirar Fátima do calendário. Decidindo, assim, por cingir-se às capitais dos distritos do Porto e de Lisboa. Segundo Diogo Figueira, um dos organizadores, nos dois dias de sensibilização 33 mil preservativos foram entregues, dos quais 18 mil em Lisboa e 15 mil no Porto. Rita Jorge, membro da organização, refere ainda que os preservativos foram distribuídos “em menos de três horas”. Esta ação foi assegurada pelo trabalho de 280 voluntários, sendo que 180 colaboraram em Lisboa e o restante dos mesmos no Porto.

Contactado pela (*) asterisco, Diogo Figueira refere que o balanço geral da iniciativa é positivo, uma vez que “foi com grande orgulho em entusiasmo que a Preservativos “ao” Papa foi desenvolvida com pacifismo” por parte dos voluntários, O que, contudo, não significa, que não tenham havido distúrbios pontuais. Isto, porque a ação de sensibilização aconteceu nas imediações dos locais onde o Santo Padre se encontrava, e alguns dos presentes consideraram um desrespeito e, sobretudo, uma provocação que a distribuição de preservativos ocorresse após um momento que, para eles, havia sido sagrado. Isabel Martinez, uma das voluntárias da Preservativos “ao” Papa no Porto, foi agredida ao entregar um preservativo a uma senhora com cerca de 60 anos de idade que a interpelou sobre se os jovens que ali estavam não tinham vergonha de



estar a conspurcar aquele momento sagrado e, de seguida, arremessou o preservativo em direção à testa da jovem. É importante referir que quando confrontados com atitudes semelhantes os voluntários tomavam uma postura de não-agressão de modo a preservar a expressão pacífica da iniciativa. Esta postura é também comprovada por outro momento, este de natureza cómica que ocorreu com Ana Lourenço, outra das voluntárias do Porto. Segundo, Sara Oliveira, coordenadora do grupo de distribuição onde Ana Lourenço estava inserida, a voluntária foi abordada por um senhor que lhe disse que eles deveriam ser “todos alinhados e levar chicotadas para ver o que era bom”, ao que Ana Lourenço respondeu “Isto até era giro!”, sem ter como argumentar dada a desenvoltura da jovem, o senhor afastou-se e a distribuição voltou à normalidade. A organização reitera que a aceitação foi no todo bastante boa e que as pessoas mais velhas foram as que receberam a ação mais positivamente.

Apesar de alguns pequenos contratempores, que já eram esperados, Diogo Figueira afirma que a organização sente-se honrada por ter “feito uma pequena diferença nesta luta contra a SIDA e por conseguir passar a mensagem”.

De resto, fica o mote para que ações de sensibilização com cobertura massiva dos meios de comunicação social aconteçam mais frequentemente e um “Obrigado a todos que contribuíram nesta luta tão importante”, proferido por Diogo Figueiras, em nome da Preservativos “ao” Papa.

TEXTO LUÍSA CAMPOS

POLITICAMENTE INCORRETO

“Ainda sou do tempo de conhecer políticos honestos e que nos dizem a verdade. Porém, o público aprecia a chamada “política espetáculo”, por isso, quem fala a verdade fica sem crédito e é apelidado de retrógrado.”

Já ouvi falar há tempos algo como: “tu és aldrabão, logo, és bom para político”. A mentira, a desonestidade e a falta de caráter são, de quando em vez, aclamados na adjetivação dos políticos. Eu sou cética a este nível.

Nunca acreditei na pureza e ingenuidade do ser humano, algo que por incrível que pareça, o político também é. Tal como todos nós tem as suas fraquezas, subtilezas, luxos e oportunidades, umas melhores que outras claro. Já ouvi falar em mentiras piedosas, em mentiras sem grande valor e em mentiras graves. Já assisti a discursos de políticos que ao

prometerem algo estão a mentir descaradamente – a comunicação não verbal tem o que se lhe diga. Já ouvi também esquemas inteligentes e falcatruas infelizes. Já ouvi o peixeiro, o senhor do talho e da frutaria, o pedinte e o vizinho a mentir. A mentira é tramada, já ouvi tanto que nada me espanta.

Mas o que mais gosto em tudo isto é da retórica utilizada. Gosto de discursos inteligentes, com o tom de voz bem colocado, o gesticular das mãos equilibrado, com pausas estrategicamente planeadas, com motivação e vontade de persuadir. Aprecio os *soundbites* criados e a

perspicácia de quem discursa. Gosto da comunicação no seu estado mais puro. A mentira na política tem um historial tão rico e vasto que se torna palpável. Salazar mentiu – mas não foi corrupto –, Durão Barroso mentiu, José Sócrates, António Guterres, Mário Soares, Marcelo Caetano, João Franco e Cavaco Silva mentiram. Os pessimistas concluíram então que tudo o que está neste meio tem algo em comum: a mentira. Mas como eu sou otimista, acredito na palavra e vejo as ações como uma mais-valia. Ainda sou do tempo de conhecer políticos honestos e que nos dizem a verdade. Porém, o público aprecia a chamada “política espetáculo”, por isso, quem fala a verdade fica sem crédito e é apelidado de retrógrado.

Alguém me dizia no outro dia que só ouvimos aquilo que queremos, e eu logo pensei que também só temos aquilo que escolhemos. Sou por isso do tempo em que temos um Sr. Engenheiro a conduzir os destinos do nosso país só porque sabe mentir e iludir com bastante perícia. E a si, Senhor Primeiro Ministro, lhe dou os meus parabéns, a sua comunicação para além de inteligentíssima é também eficaz.

Meus estimados leitores, é tudo uma questão de perícia.

Quantos tentáculos tem o polvo? Irra, que qualquer dia ainda me apanha!



WICCA

DEUS NO FEMININO

TEXTO AODH

Bem-vindos de novo.

Nesta edição, ao contrário do que estava previsto, trataremos dos vários aspetos da Divindade feminina referentes à Wicca.

Como foi dito anteriormente (e nunca é demais lembrar) a Wicca baseia-se fundamentalmente no respeito pela Vida e por todos os seres que coabitam na Terra.

Por se ter compreendido que é do bailado cósmico entre o Sol e a Lua, que animam o espírito de Gaia na Terra, estes dois astros tornaram-se as divindades principais, ambas faces antagónicas de um mesmo Deus, de uma mesma existência espiritual.

Para simplificar as múltiplas adorações possíveis, os wiccans, à semelhança de outras culturas, subdividiram estas divindades em diversos aspetos, com características e atributos específicos, tornando-se arquétipos que refletem o caráter divino presente em cada manifestação da Natureza (Gaia).

OS 3 ASPETOS DA DEUSA

A Lua tem um ciclo de vinte e oito dias e meio, aproximadamente, tal como o ciclo menstrual das mulheres, o que facilmente conduz a uma identificação com o elemento feminino.

Na Wicca, a Lua é representada nas suas três formas: a Donzela, que corresponde à fase do Quarto Crescente; a Mãe, identificada com a Lua Cheia; e a Anciã que corresponde à Lua Minguante.

A Lua é, no seu aspeto total, a terra virgem, o campo cultivado e o terreno coberto de gelo. Tal como uma mãe, dá a Vida ao mesmo tempo que promete a Morte.

O seu lado escuro, a Lua Nova, é o período que a Anciã passa pelo mundo dos mortos, entre encarnações, para vir a renascer como Donzela.

Na Wicca, a Lua é representada nas suas três formas: a Donzela, que corresponde à fase do Quarto Crescente; a Mãe, identificada com a Lua Cheia; e a Anciã que corresponde à Lua Minguante.



A DONZELA significa a juventude, a primavera, os nascimentos, iniciações, virgindade e a caça. Na idade humana ela corresponde a uma jovem até aos vinte e cinco anos, sem companheiro, e há quem a relacione com as Deusas Diana, Artemísia, Branwen e Epona.

As suas cores são suaves e claras, como o branco, o prateado, o rosa ou o amarelo claro.

Os rituais que lhe estão associados são os que têm a ver com inícios, nascimentos, crescimentos, ideias, inspiração, energia, vitalidade e liberdade.

Evoca-se a Donzela sempre que houver um novo começo, novos planos, quando se muda de emprego ou casa, e a sua fase lunar é a época propícia a rituais para atrair dinheiro, trazer mudanças benéficas: amor, sorte e crescimento espiritual.

A MÃE é invocada para a criação, a proteção, os cuidados com os outros e a fertilidade, significando, como símbolo, o crescimento, a plenitude, a sexualidade, a maturação, o amor e o ensino.

Tem correspondências com Juno, Ísis, Dana, Cerridwen, Selene e Afrodite. Trata-se de uma mulher no auge da vida e no máximo do seu poder, protegendo os seus e assegurando que a justiça é feita. Normalmente tem um companheiro e na idade humana corresponde ao intervalo dos trinta aos quarenta. As suas cores são o verde, o cobre, o vermelho, o lilás e o azulão.

A Mãe é sobretudo invocada para rituais de agradecimento, de proteção e para concretização de projetos, quando se precisa de forças ou em caso de dúvidas, curas, manutenção de paz, etc. A sua fase lunar é propícia a encantamentos para transformar, alterar e aumentar aptidões físicas e de fertilidade, tratando-se de um tempo de plena força e poder.

A ANCIÃ encarna a sabedoria da idade madura, os segredos, a adivinhação, a profecia, a compaixão, os finais, a morte e o renascimento. É a mulher sábia que aconselha e trata dos problemas. É aquela que age com lógica, mas que pode ser terrível na vingança. É também a guardiã da passagem para a dimensão da morte.

Corresponde a uma mulher com mais de quarenta e cinco anos, sendo a mais difícil de ajustar à idade humana e corresponde a Hecate, Callieach, Morrigan, Kali e à figura das Banshee irlandesas. As suas cores são o preto, o cinzento o roxo, o castanho ou o azul-escuro.

Os rituais que a invocam destinam-se a remover energias indesejáveis, alcançar a sabedoria e a clarividência. São também indicados para reverter circunstâncias, para todos os processos e projetos que terminam. A sua Lua é propícia para encantamentos de banimento, para libertar ou para inverter, para o rompimento de maus hábitos ou para acabar com maus relacionamentos. É um tempo de intuição profunda, indicado para a adivinhação. A Lua Nova é um tempo de reflexão, de intuição e instinto – altura propícia para preparativos, para delinear planos, etc.

Ao longo do ano, a Lua passa pelos vários signos do Zodíaco (todos os doze em cada dia, ficando portanto duas horas em cada um), pelo que o signo em que esta se encontra influencia a sua energia, tanto que para qualquer ritual, há que ter em conta, não só o aspeto da deusa a invocar ou fase lunar, mas também a hora e o signo no qual a Lua se encontra.

Aqui me despeço, até á próxima publicação.
In Lahk Hesh

JOANA MALTEZ

QUEM CALA CONSENTE





“Eu mereço”







“Ela prometeu nunca
mais me magoar”



“Fui eu que a provoqueei”



“É para o meu bem”



“Nunca mais volto a fazer isso”



**“Ele não me controla,
só quer o meu bem”**

A man with dark hair and a beard is kneeling on a bright red surface. He is wearing a black t-shirt and dark pants. His hands are tied to two white ropes that extend from the top of the frame. The t-shirt has white text on it. The lighting is dramatic, casting shadows on the red floor.

Nigdy nie jest za późno
by zacząć marnować
swoje życie

“Ele seria incapaz
de me magoar”







“Eu devia
ter-lhe dito onde ia”

...dy nie jest z
...by zacząć marn
...swoje życie

“Ele é a minha vida”







“Eu não valho nada”

AVANÇA!

14

Allove

Nos dias 14 e 15 de maio vai ter lugar em Lagoa, no Algarve o primeiro festival LGBT do país.

15

Kiss-in

Também no Porto, e associando-se a uma iniciativa internacional promovida pela IDAHO e Gays. com, o MICA-me promoveu o primeiro *kiss-in* que aconteceu, durante a tarde, na Trindade e na Rua de Santa Catarina.

Ciclo de Tertúlias “CASA de Palavras”

Mantendo o seu ciclo de tertúlias “CASA de Palavras”, a associação CASA organizou um novo encontro no Clube Literário do Porto, às 18h tendo como tema “*Sex Toys* – à conversa com Maria da Luz, proprietária da Casa d’Eros”. Como já vem sendo habitual, esteve também presente o sexólogo e presidente da CASA, Manuel Damas, sendo a conversa moderada pela jornalista Maria José Guedes.

Luta contra a Homofobia e Transfobia no Porto

Também neste dia foi organizado pelo Caleidoscópio LGBT e a CASA uma ação de rua que visou chamar a atenção para o facto de que a Homo/Bi/Transfobia ainda existe. O evento teve lugar pelas 22h na praça dos Leões, junto ao café Piolho. 22h na praça dos Leões, junto ao café Piolho.

17

Marcha Contra a Homofobia

Aproveitando o simbolismo da data de 17 de maio, vai-se realizar em Coimbra a primeira marcha contra a homofobia. A organização encontra-se a cargo da Não Te Prives, e mais informação encontra-se disponível em marcha2010.naoteprives.org a partir de dia 5 de maio.

22

Pop Fora do Armário

A 3ª edição de “Pop Fora do Armário” realiza-se no Centro LGBT em Lisboa, com música desde David Bowie a Lady Gaga. Também no Centro LGBT, realizam-se todos os sábados as actividades do TANGO LIVRE, das 19h30 às 21h.

22 e 23 de Maio

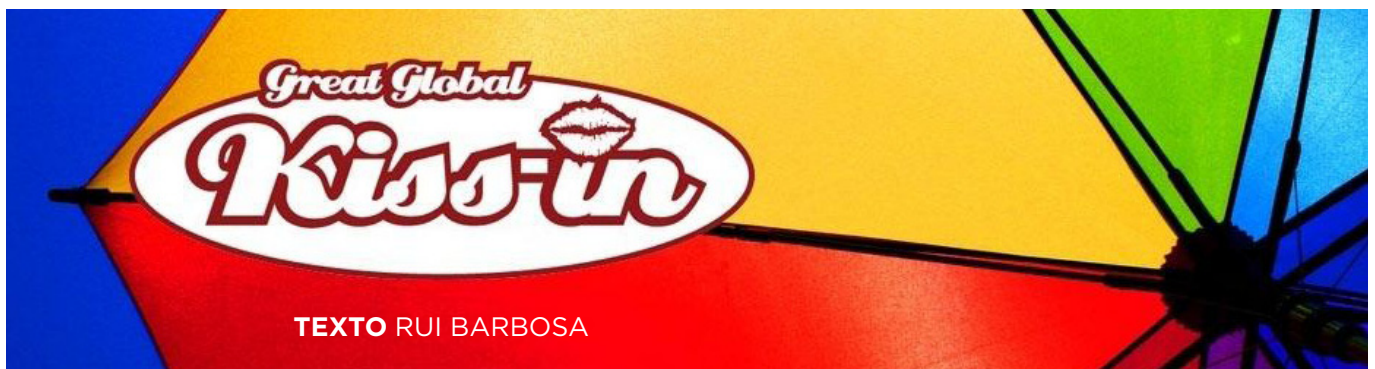
Irá ocorrer um retiro de Pentecostes, do grupo RUMOS NOVOS. nos dias 22 e 23 de Maio.

31

Até 31 de Maio

Está aberto o concurso para novo livro de contos do Tangas Lésbicas, tendo sido o prazo alargado até dia 31 de maio. Mais informações para as interessadas, em <http://tangaslesbicas.wordpress.com>.

MAIO



No dia 15 de maio, 40 pessoas juntaram-se à iniciativa *Great Global Kiss-in*, uma ideia original do IDAHO (Comité impulsor do Dia Internacional Contra a Homofobia e Transfobia), e trazida a Portugal pelo MICA-me.

A iniciativa teve origem em Paris, a cidade do amor, quando um grupo de estudantes franceses se cansaram do desconforto que é beijar o/a companheiro/a em público. Juntaram-se e, durante 5 minutos, beijaram-se para a surpresa dos transeuntes. A intenção é alertar para a necessidade de banalizar as expressões de afeto entre homossexuais, combatendo o preconceito e pressão social sempre que um casal de pessoas do mesmo sexo se beija.

Assim, por altura da comemoração do Dia Internacional Contra a Homofobia e Transfobia a 17 de maio, e a três dias da data limite para a publicação da posição oficial de Cavaco Silva acerca do diploma que legisla o casamento entre pessoas do mesmo sexo, às 15h e às 15h30, no Porto, nomeadamente na Trindade e na Rua de Santa Catarina respetivamente, dezenas de pessoas trouxeram namorados(as) e amigos(as), independentemente da sua orientação sexual, e ao som do apito, beijaram-se e abraçaram-se na luta pela indiferença e pela igualdade.





ALLOVE

TEXTO SARA PEREIRA

O primeiro festival LGBT de Portugal é lugar no Algarve

Nos dias 14 e 15 de Maio a Fatacil, em Lagoa, recebe o Allove Festival, um evento que pretende atrair o turismo lésbico, gay, bissexual e transexual (LGBT) ao Algarve.

Auto denominado o maior festival nesses moldes em Portugal, espera receber entre sete e dez mil visitantes nos dois dias do evento. O tema principal é a diversidade sexual e contará com espaços dedicados às artes como literatura, fotografia, pintura corporal, escultura e cinema.

A atividade vai ser dividida em 83 stands dispostos em zonas tão diversas como a Área Vip, esotérica (com a presença de Simara), *red light* (com sex-shops e lojas de tatuagens), gourmet (para degustações) e stock (com marcas generalistas). Haverá ainda um "gayódromo" que será uma espécie de feira popular, um "Pavilhão das Artes" e uma pista de dança, rodeada por 16 bares e com capacidade para 5 mil pessoas.

Confirmados para a animação estão já o DJ Sérgio Delgado, a transformista Angelita La Perversa e os SuperMarTxé, um grupo que mistura música, erotismo e acrobacia.

Apesar de este se assumir como um festival LGBT, os heterossexuais são bem-vindos e a potencial polémica causada poderá prender-se com a realização de casamentos entre pessoas do mesmo sexo durante o evento, simbólicos, mas com tudo a que um bom casamento tem direito: limousine, bolo de casamento e até a possibilidade de passar a lua-de-mel em um hotel de cinco estrelas, são as ofertas da organização.

O Allove Festival tem o apoio da Câmara Municipal da Lagoa e da Associação de Turismo do Algarve, e contará com a participação da Abraço e do Movimento de Apoio à Problemática da SIDA.

TEXTO SARA OLIVEIRA

DAY OF SILENCE

“Peço que compreenda as minhas razões para não falar hoje. Estou a participar num Dia do Silêncio, um movimento de jovens nacional que quer chamar a atenção para o silêncio que rodeia as lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros e seus amigos nas escolas. O meu silêncio propositado ecoa esse silêncio, que é causado pelos insultos, pelo assédio, pelo bullying. Eu acredito que o primeiro passo para combater estas injustiças é quebrando o silêncio. Pense nas vozes que não vai ouvir hoje. O que vai fazer para acabar com o silêncio?”

Texto presente no “Speaking Card” entregue nas ações

O “Dia do Silêncio”, celebrado, em 2009, no dia 17 de abril nos Estados Unidos, é um dia de ação nacional da GLSEN (*Gay, Lesbian and Straight Education Network* – Rede Educativa Gay, Lésbica e Hetero). Durante o evento os participantes mantêm o silêncio durante o dia inteiro, ou partes do dia, entregando cartões ou usando roupa alusiva ao evento para explicar o porquê do seu silêncio.

Surgiu em 1996, na Universidade da Virgínia tendo a participação de mais de 150 alunos. Em 2008, o “Dia do Silêncio” foi dedicado a Lawrence King, um adolescente de 15 anos, morto a tiro por um colega de turma devido à sua orientação sexual e identidade de género, tendo tido a participação de centenas de milhares de jovens em mais de 8000 estabelecimentos de ensino.

O principal objetivo desta iniciativa é tornar as escolas mais seguras para todos, independentemente da sua orientação sexual e/ou identidade de género. Segundo os estudos mais recentes, as principais razões pelas quais os alunos

se sentem ameaçados nas escolas estão relacionadas com a sua orientação sexual (seja porque o aluno se assumiu como não-heterossexual ou porque os colegas acham que ele é homossexual) ou com a sua identidade de género.

Os organizadores destas iniciativas pretendem que as escolas adotem (e implementem) uma série de medidas que visem a proteção dos estudantes no que toca a categorias como género, etnia, religião, orientação sexual e identidade de género. Entre essas medidas incluem-se a formação dos educadores e auxiliares para serem capazes de identificar e lidar com comportamentos discriminatórios e incluir nos currículos informação factual, adequada às idades dos alunos, que contribua para a melhoria da comunidade escolar no seu todo.

No entanto, a GLSEN solicita aos participantes que pretendam organizar este dia na sua escola que recorram à Direção para receberem o seu apoio na organização, assim como para garantir uma maior segurança, sendo que, quando confronta-



dos com algum colega mais conflituoso, os participantes são avisados para não reagir, manter a calma e caso a situação se descontrole, a dirigir-se a algum professor, e em caso algum promover atitudes mais violentas.

Tendo em conta que estas iniciativas são realizadas dentro das escolas, os estudantes são incentivados a não manter o silêncio durante as aulas, de forma a não comprometer a sua performance escolar, no entanto, segundo os registos, os professores tendem a colaborar nestas iniciativas.

Apesar de esta ser a iniciativa mais visível da GLSEN (muito também devido à própria cobertura mediática que suscita nas comunidades), há outras ações promovidas não apenas nas escolas, mas também nas comunidades em si para aumentar a visibilidade e tentar diminuir o preconceito generalizado. No entanto, há que reconhecer que o “Dia do Silêncio” é já um dos maiores movimentos estudantis em defesa dos direitos LGBT na história americana.

IDAHO



A 17 de maio celebra-se o Dia Internacional Contra a Homofobia e a Transfobia que, apesar de ainda não ter encontrado aceitação universal na comunidade europeia, deveria já ser um ponto de referência para todos os que convivem com a diferença porque é um convite ao ativismo pela ação positiva.

Quem acompanhar o calendário de eventos LGBT pode verificar que, apesar de estes estarem gradualmente mais visíveis, diversos e frequentes, para a maioria das pessoas ainda é uma realidade esmagadoramente ocasional, inusitada e, ousado dizer, inconveniente. Mais do que isto, fora dos grandes centros urbanos as bandeiras da diversidade estão por haster. O ativismo como ação proativa de desmistificação da sexualidade não normativa, é a ferramenta mais poderosa que temos ao nosso dispor para mostrarmos que uma sociedade que favorece a expressividade cultural, que não marginaliza, que se concentra nos pontos de convergência é mais rica e mais plural.

Para qualquer LGBT o ativismo é sempre, com mais ou menos intencionalidade, primeira natureza. É um papel que se confunde com o nosso dia-a-dia, pois é nele

que frequentemente esbarramos com o heterossexismo e a heteronormatividade. O preconceito e a invisibilidade atingem-nos diariamente e fazem de nós ativistas. Contudo, falar em ativismo é frequentemente dar voz ao esforço das associações nas suas múltiplas expressões, o que não significa que todos sejamos do-tados de espírito associativo, ou que não se faça ativismo senão nos modelos que as diferentes associações nos apresentam. De cada vez que um de nós partilha a sua intimidade com um confidente ou que nos unimos num hino e o entoamos numa marcha estamos a dar espaço à individualidade de quem ainda se sente invisível, a dar-lhes voz.

Em homophobiaday.org pode ler-se: "este dia não pertence a um só indivíduo. É acerca de todas as pessoas que esperam por um mundo livre de preconceito em

que há um lugar à mesa para toda a gente independentemente da sua orientação sexual. (...) O dia escolhido para a luta contra a homofobia precisa de ser apropriado por todos os que estão ativamente envolvidos na sociedade civil: organizações comunitárias de gays e lésbicas, organizações que se concentram noutros tipos de diversidade sexual, sindicatos, empregadores, empresas privadas, governos, administração pública, associações profissionais e todos os indivíduos à procura de igualdade."

A minha mensagem para esse dia é que, independentemente da forma que escolham para o fazer, façam com que todos os vossos dias sejam Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia.

Juntos vamos dar uma oportunidade à indiferença!



TEXTO LUÍSA REIS

TRANSEXUALIDADE PARA PRINCIPIANTES



Embora existam questões mais profundas acerca da transexualidade, o que tenho descoberto, na minha experiência de ativismo e sensibilização, é que os conceitos básicos ainda são desconhecidos para a maioria das pessoas. O pior caso não é, aliás, quando existe a consciência que se tem falta de informação. É quando temos informação incorreta (aliás, por vezes, bastante incorreta), mas a julgamos certa e suficiente.

É por estas razões que se torna obrigatório qualquer discussão sobre o tema começar com estes conceitos mais básicos. E é sobre isso mesmo que vai ser esta série de artigos, do qual aqui vos deixo o primeiro.

O que é a transexualidade? O que são as pessoas transexuais?

O melhor ponto de partida para explicar esta questão é quando tudo começa, com o nascimento.

A primeira coisa que um médico anuncia, durante o parto, é o sexo da criança. Logo a seguir, apresenta-se aos pais a tarefa de registarem o bebé na certidão de nascimento. Nela está uma caixinha, de preenchimento obrigatório, com duas opções: masculino ou feminino. Associamos a cada sexo uma série de características físicas – como a distribuição da gordura corporal (que determina a forma do corpo) ou da massa muscular,

algumas proporções do esqueleto, distribuição e quantidade de pêlos, tom da voz, textura da pele, órgãos genitais, etc.. Aos homens e às mulheres, a nossa sociedade também associa uma série de características psicológicas, comportamentais e sociais – que, coletivamente, são o género. Portanto, o que é físico está no campo do sexo, e o resto pertence ao género.

As causas da diferenciação comportamental e social entre homens e mulheres ainda não estão completamente esclarecidas. Há um debate contínuo sobre o tema que parece estar longe do fim. Provavelmente tanto a biologia como a cultura contribuirão para uma diferenciação comportamental entre os indivíduos. Porque nenhuma pessoa é exatamente igual, do ponto de vista biológico, a qualquer outra do mesmo sexo. A influência que a biologia tem sobre o género provavelmente está pelo menos tão individualizada como bipolarizada entre os sexos (podem ser tão importantes as diferenças biológicas entre dois homens, como são entre um homem e uma mulher). E o mesmo provavelmente é igual para a cultura: mais nenhuma pessoa, seja do nosso sexo ou não, tem um processo de crescimento e integração social exatamente igual ao nosso. No limite, podemos dizer que cada pessoa tem o seu próprio sexo e género individuais.

Porque cada biologia é diferente, e porque há casos em que se apresentam características simultaneamente masculinas e femininas na mesma pessoa (a esta situação damos o nome de intersexualidade), do ponto de vista do sexo, podemos de alguma forma dizer que as duas opções, masculino e feminino, não traduzem toda a diversidade que a própria natureza apresenta. Mas a todos os seres humanos atribuímos um, e só um, destes dois sexos na certidão de nascimento – independentemente de refletir completamente a identidade biológica do bebé ou não. E ao atribuímos um sexo, estamos automaticamente a atribuir um género – a classificar o bebé como homem ou mulher, sem saber se, com o passar do tempo, ele/ela se vai identificar e sentir confortável com o papel que lhe acabamos de dar.

As pessoas transexuais são as crianças e adultos que se vão desenvolver a partir dos bebés a quem foi atribuído um determinado sexo e género, mas que se identificam com o outro. Só quando puderem viver e ser vistos pela sociedade como membros do sexo e género com que se identificam, vai ser possível terem uma integração social, qualidade de vida e felicidade. O processo através do qual se realiza essa afirmação, perante a sociedade, da verdadeira identidade do indivíduo chama-se transição, e é um processo com três vertentes principais: clínica, social e legal.

A uma pessoa a quem foi atribuído o sexo feminino ao nascimento, mas que se identifica como homem, chamamos homem transexual. Ao caso contrário, mulher transexual. Segundo as estatísticas, e pelo menos em Portugal, há mais homens transexuais que mulheres: são 2/3 da população transexual. Às pessoas não-transexuais – portanto, as que se identificam com o género e sexo que lhes foi atribuído ao nascimento – chamamos cissexuais (do latim *cis*, do mesmo lado de).

A percentagem de pessoas transexuais dentro da população geral ainda não está completamente estabelecida, e varia tangencialmente em cada estudo – as estimativas vão de uma pessoa em cada 5,000 a uma em cada 800. Em Portugal, existem provavelmente pelo menos 3,000 pessoas transexuais, e possivelmente o dobro ou o até triplo desse número.

TEXTO LÚCIA SOUSA

O QUE QUERES DIZER COM QUEER?

Inicialmente usada como uma palavra pejorativa para designar “homossexual”, a palavra *queer* tem assumido, ao longo das últimas décadas, uma nova conotação muito mais positiva e completamente diferente daquela dada pelos primeiros utilizadores



Hoje em dia, é difícil encontrarmos alguém que não nos saiba dar uma pequena definição da palavra *queer*, mas os primeiros usos desta palavra são bem diferentes daqueles a que hoje nos habituamos.

A palavra *queer* data de 1508 e designava algo excêntrico e que causava uma certa estranheza, mais tarde passou a ser um sinónimo pejorativo de homossexual.

No decorrer do século XX, com o intensificar da luta pela igualdade por parte dos movimentos defensores de minorias, o termo *queer* assumiu uma tomada de posição política e social.

Os Estudos *Queer* abraçaram a designação pejorativa da palavra e transformaram-na em algo positivo. Inicialmente surge como forma de protesto contra o movimento feminista que não dá voz à causa LGBT e muito rapidamente transformam-se num dos maiores expoentes a nível de Estudos de Género. Atualmente, estão um pouco esquecidos, sendo dentro da comunidade académica que pesquisa na área de Estudos de Género que têm mais visibilidade.

No início da década de 90, Judith Butler publica um livro que irá mudar para sempre a perspetiva, o uso, e a definição de *queer*. Num livro ousado para a época “*Gender Trouble*”, Judith Butler, defende a diluição dos géneros. O que Butler afirmava, e mais tarde veio a ser confirmado por outros estudiosos, é que qualquer pessoa, independente do sexo e orientação sexual, pode transitar entre géneros, sem que para isso seja necessário definir aquele ao qual pertence: nascia então a Teoria *Queer*. Inicialmente, é nos meios académicos de Estudos Literários que esta teoria encontra mais seguidores e é mais bem acolhida. Nos últimos anos, com a sua maior divulgação, começou-se a aceitar esta teoria como algo aplicável fora de um contexto literário e de fantasia.

Embora amplamente divulgada, muitas vezes esta teoria não é aceite nem pelos meios políticos, nem pela comunidade médica, nomeadamente profissionais do foro psicológico e psiquiátrico, que continuam a ver a transição entre géneros como uma incapacidade de assumir a transsexualidade ou um

distúrbio de personalidade. Contudo, e alheia a toda a controvérsia gerada, cada vez é maior o número de pessoas que não se sente parte de um só género. Estima-se que em todo o mundo 30% da população não tenha um género definido. Infelizmente, a falta de credibilidade dada pela comunidade científica à transição entre géneros contribuiu em grande escala para que todos os dados existentes sejam estimativas e análises pouco concretas de pessoas que se disponibilizaram para o efeito.

Importa referir que há grupos de ativistas que lutam para que a definição de género masculino versus feminino seja eliminada, havendo total liberdade, sem rótulos e sem categorizações. Para que as pessoas tenham possibilidade de ser aquilo que na realidade são: pessoas.



TEXTO PEDRO RODRIGUES

HOMENS COM TIQUES

“...é triste constatar que a antiga ideia de que numa relação sexual entre dois homens um faz de homem e outro faz de mulher ainda existe, mas de uma forma mais ou menos subtil”

A primeira vez que fiz o meu *coming out* a amigos, a notícia foi recebida com surpresa. “Não pareces nada!”, foi a resposta que recebi, enunciada e recebida como se de um elogio se tratasse.

Esta história repetiu-se por diversas vezes. Cada “nunca diria” ou “não imaginava” pareciam-me motivo de orgulho, uma coisa boa. Na minha cabeça, conseguir “camuflar-me” num ambiente heterossexual “como se fosse um deles” era algo fantástico, um indício de que quaisquer tiques que apresentasse não eram marcantes o suficiente para eu não parecer uma pessoa “normal”.

Na verdade, este tipo de pensamento apenas indiciava um nível mais subtil de homofobia, uma subordinação ao heterossexismo vigente na nossa sociedade (e ainda um pequeno toque de machismo). A associação é óbvia: tendo como padrão de macho alfa os nossos espécimes latinos, um homem com tiques femininos é automaticamente paneleiro porque a) é “menos homem”, e b) é “mais fraco”. Hilariante é o facto de que – observando atentamente uma ampla amostra de homens – rapidamente se conclui que nem todos que têm tiques são gays e nem todos os que não os têm hetero.

O problema é que este género de discriminação atinge contornos mais sérios a partir do momento em que dentro da própria comunidade LGBT é notória a (auto-)segregação de

homossexuais com tiques. Não é raro ouvir-se alguém dizer que não quer namorar com “uma borboleta”, o ridicularizar de um homem com tiques tratando-o no feminino (“se quisesse uma mulher seria hetero!”) ou até a associação automática que muitas vezes é feita de que um homem com tiques é automaticamente passivo, isto porque os homossexuais perfeitos não só conseguem imiscuir-se na população hetero, como todos eles são, aparentemente, única e exclusivamente ativos.

No fundo, é triste constatar que a antiga ideia de que numa relação sexual entre dois homens um faz de homem e outro faz de mulher ainda existe, mas de uma forma mais ou menos subtil. Bicha efeminada assume o papel de mulher, é o elo mais fraco, etc, e todos os outros se sentem mais homens por causa disso. Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, nem tão pouco a dizer o que gostam de fazer na cama. Agora era bom que as pessoas metessem na cabeça que lançar aos sete ventos o quão evoluídos em termo de mentalidades são, quando passam a vida a certificar-se de que os seus pulsos não dobram mais do que o suposto e que repetidamente garantem que têm o traseiro livre da mácula da bichice, apenas revela a mesma imaturidade e homofobia que pretendem negar.



